PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

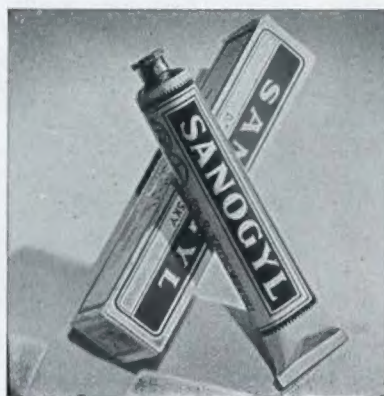
NÚMERO 28 ANO IV. 1946

Marlice

PARFUMEUR—PARIS

CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES: SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA.

FÁBRICA: R. RODRIGO DA FONSECA, 87-B — TELEFONE 45 410 — ESCRITÓRIO E DEPÓSITO: R. RODRIGUES SAMPAIO, 59 — TELEFONE 40 808

Aqui se aconselha...

CUIDE da sua bôca! Mas considere que só um dentífrico cientìficamente preparado — como o SANOGYL — exerce uma eficaz acção desinfectante, sem prejudicar o esmalte dos dentes. Usar SANOGYL é uma necessidade. Adquira imediatamente um tubo e verifique os resultados! Estamos certos de que obterá os melhores, e passará a usar sempre a pasta SANOGYL.

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

RADIO - GRAMOFONE com receptor super-heterodino para ondas curtas e médias. Alto-falante de alta fidelidade. Contrôle automático de volume de som. Contrôle progressivo de tonalidade. Quadrante de visibilidade perfeita. Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos. Dispositivo para repetição de qualquer e paragem e corte automático da corrente no final do último. EST. VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.

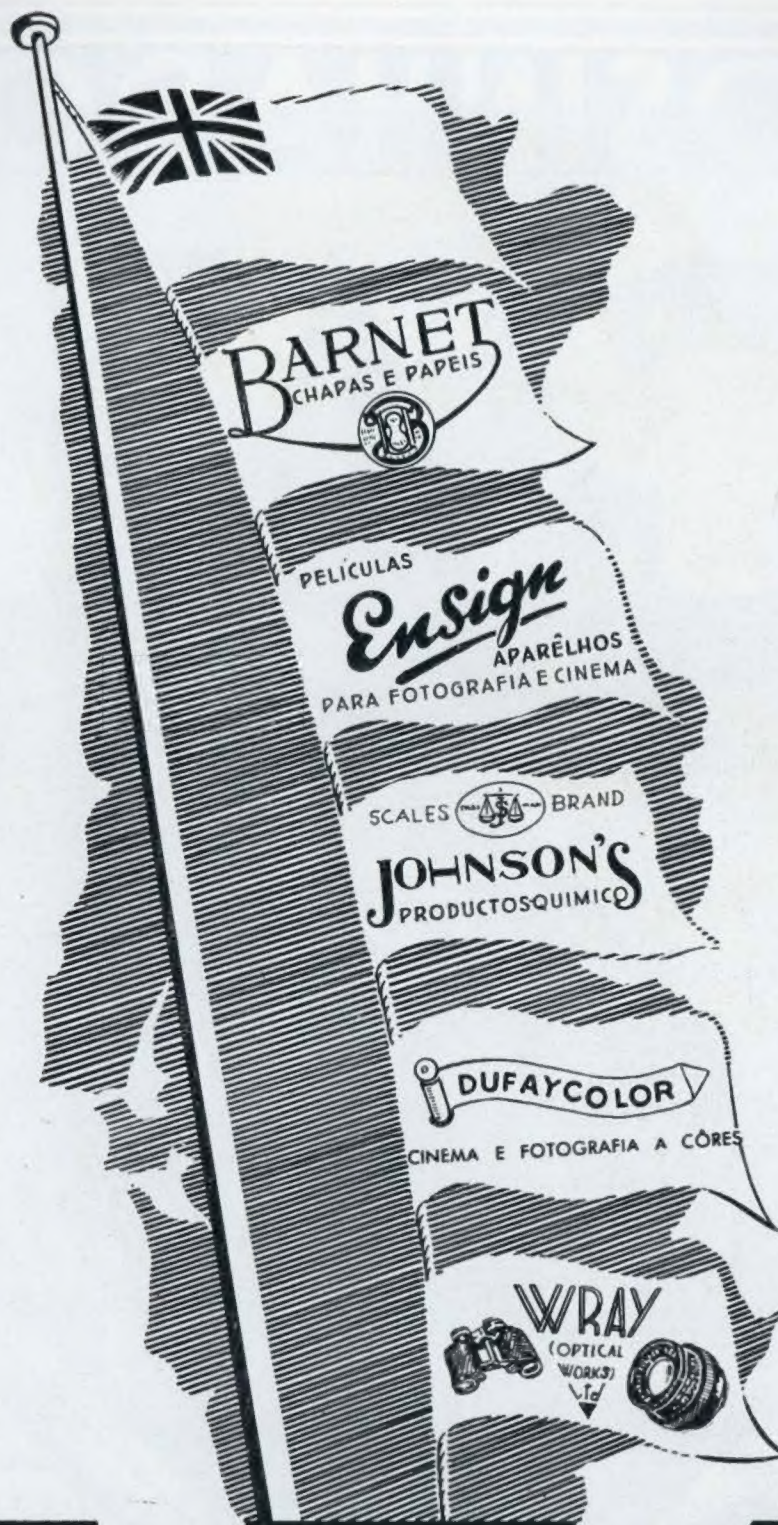
ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

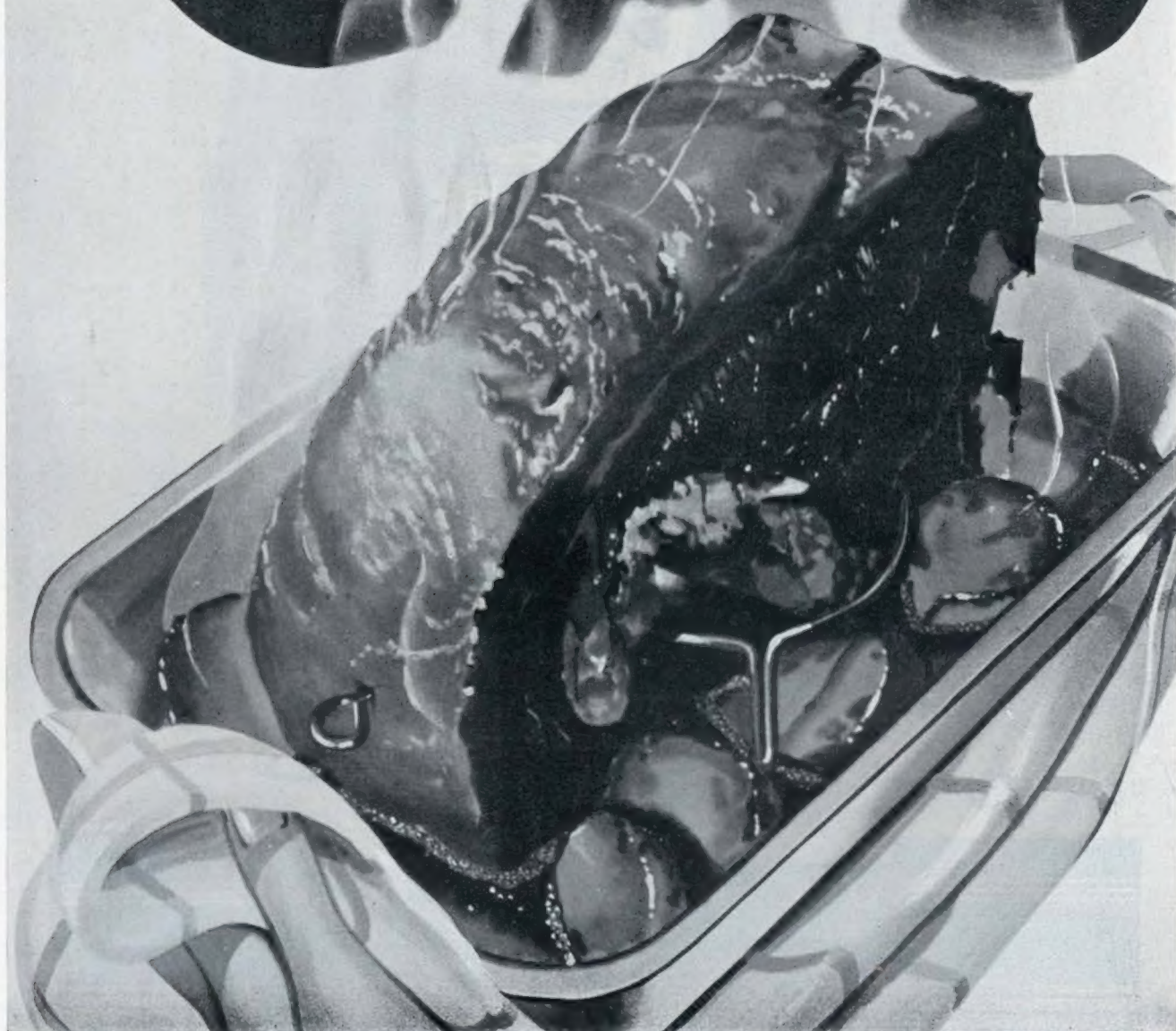
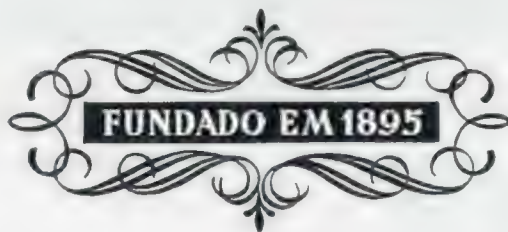
que leia, veja e compre

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutivelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

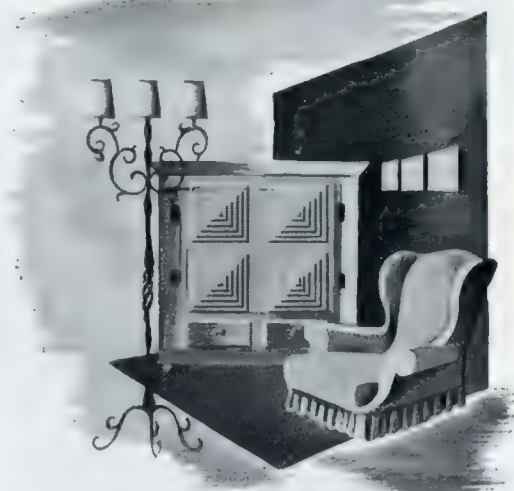
SE vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

BARNET
CHAPAS E PAPEIS
PELICULAS
Ensign
APARÊLHOS
PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
SCALES BRAND
JOHNSON'S
PRODUCTOS QUIMICOS
DUFAYCOLOR
CINEMA E FOTOGRAFIA A CÔRES
WRAY
(OPTICAL
WORKS)
Ltd

COSINHADO A
GA'S

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner — Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.° DE DEZEMBRO, 123 / TELEF. 20231

COMPANHIA
ALCOBIA

LISBOA / RUA IVENS, 14 / TEL. 25441
ESQUINA DA RUA CAPELO

PROTEJA A SUA CÚTIS DO SOL

COM

MASCARADE

PÓ DE ARROZ

L. T. PIVER

CHÁ CELESTE

O Chá Celeste, de paladar delicado e aroma delicioso, é uma mistura de finíssimos chás, cultivados e preparados em Milange — Moçambique.

SOCIEDADE CHÁ ORIENTAL
RUA DO ALECRIM, 45 — LISBOA

NESCAFÉ

instantâneo

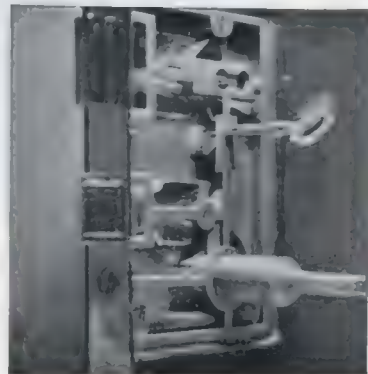
UM PRODUTO **NESTLÉ**

Aqui se aconselha...

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

que leia, veja e compre

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

OUVIR perfeitamente no teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa.

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

EM TODOS OS PAÍSES
DO MUNDO
INTAVA
A ORGANIZAÇÃO INTAVA COBRE O MUNDO INTEIRO, POIS SÓ DE TAL FORMA É POSSÍVEL GARANTIR UM SERVIÇO PERFEITO E CONTÍNUO, QUER ÀS UNIDADES DAS MAIORES COMPANHIAS DE NAVEGAÇÃO AÉREA, QUER A QUALQUER AERONAVE PARTICULAR.
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.
Distribuidora dos produtos
INTAVA
2074

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 28 ★ ANO de 1946 ★ VOLUME 5.º

CAPA DE ANNE MARIE JAUSS — DESENHOS DE: RAFAEL BORDALO E JOSÉ ESPINHO — FOTOGRAFIAS DA AGENCIA GERAL DAS COLONIAS, HORACIO NOVAES, MARIO NOVAES, MOTTA CABRAL, A. PASSAPORTE E ROGER KAHN.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

OLISSIPO ou OLISSIPONA, elevada à categoria de município romano com a designação de FELICITAS JULIA, é esta velha e sempre nova LISBOA cujo oitavo centenário se comemora oficialmente em 1947 ★ *Que as primeiras impressões são as mais significativas e duradoras, prova-o mais uma vez o facto de os seus primeiros ocupantes, em remotas eras instalados no monte do Castelo de S. Jorge, lhe terem dado o nome de «enseada amena» — a* Alis ubbo *dos Fenícios* ★ *Isto, se não foi Ulisses, Lisa, Elixa ou qualquer outro fabuloso herói, quem mais remotamente descobriu os latentes encantos destes sítios e neles se lembrou de edificar o primeiro aglomerado arquitectónico. Mesmo assim, decerto não deixaria de atribuir, na sua divina linguagem, o poético epíteto de «amena» a esta enseada a que mais tarde — com uma ingratidão não menos fabulosa... — voltaria costas o povo que à sua beira se criou* ★ *O certo é que LISBOA, mau-grado os cataclismos e vandalismos de que tem sido vítima, e apesar-das numerosas obras de ampliação e renovamento com que tem sido beneficiada, conserva ainda íntegros muitos dos traços e aspectos mais pitorescos do velho porto de mar (que visto de longe, no dizer de Byron, «parece celestial») como se documenta nas gravuras e fotografias que constituem grande parte do presente número de PANORAMA.*

Esta Lisboa

PELO PROFESSOR DR. VITORINO NEMÉSIO

Esta Lisboa coberta das chuvas primaveris, vaso da nossa vida e assento da nossa alma, tem um corpo de Tágide que resiste à feroz civilização do tempo. A natureza mítica veio-lhe pela porta falsa da etimologia dos nomes de lugar. Velhos mitógrafos entretiveram-se a relacioná-la com Ulisses, sujeito mediterrânico, que não tinha estofo para fundador de uma cidade atlântica. Mas o pergaminho clássico era muito invejado noutros tempos, e a Lisboa árabe da Alfama lá teve o seu Gabriel Pereira de Castro a vesti-la de helena na Ulisseia. A epopeia topográfica, porém, saíu dura e anacrónica. Calíope, nos séculos renascentes, já era má costureira. A graci-

Pormenor da Estátua de D. Pedro IV. — Foto de Kahn

O Terreiro do Paço focado do Cais das Colunas. — Foto de Kahn

nha etimológica e épica ficou para mero uso de arqueólogos desactualizados e de corógrafos sem grandes exigências.

A verdadeira Lisboa contentava-se de ser uma cidade finisterra, a que os povos da bacia do Mediterrâneo chegaram tarde e em fraco número. Os Romanos, empenhados em achar fáceis nós para as suas estradas do Itinerário de António, edificaram pouco nestas paragens lusitânicas, rudes de roer às armas e marcadas a fundo pela anta e a orca célticas. Séculos depois, os Árabes viriam destruir os marcos miliários, arrasar os templos e as termas monumentais, reduzir tudo à medida das patas do cavalo e dos alcatruzes da nora. A Cidade, para eles, não era uma estrutura de vias com acrópole ou fórum, destinada a pequenas democracias urbanas ou à amarração de leves navios que levam de porto em porto esteiras e frutas secas. A civilização, para o Árabe, era o acampamento e o mercado de trânsito. E Lisboa, estrangeira ao Crescente, ópido erguido por fenícios, romanizada, cristianizada, inveterada em formas e costumes alheios à pureza do Corão, apareceu ao Árabe como um ponto a aproveitar para o desenvolvimento de razias — uma escarpa de bárbaros a que convinha deitar a mão. O Muçulmano rodeou a escarpa de almuinhas, talhou nos seus muros os bairros ne-

Roger Kahn, cineasta polaco que há tempo visitou Lisboa, ficou encantado com a fotogenia da cidade, pela qual, durante longas horas, passeou, colhendo variadas e belas imagens — principalmente nos pitorescos bairros antigos — como as que ilustram estas páginas

cessários a alguns chefes locais e mercadores — e esporeou o seu cavalo em direcção ao Norte.
Lisboa, que parece menos romana que Évora, tão-pouco recebeu no seu corpo grandes sinais mouriscos. Toda a aparelhagem rústica do Muçulmano se derramaria em torno dela, no aro saloio que tirou o nome da sua língua, nas povoações ribatejanas que guardam em grande parte a nomenclatura do invasor.
A fantasia dos letrados portugueses convertidos às letras clássicas pôde assim fabricar origens bonitas à cidade compósita e insubornável, capital tardia de um reino da Reconquista, que esperava a sua grande hora civil

Descarga do peixe no Cais da Ribeira — Foto de Kahn

da entrada dos tempos modernos. Camões, mais avisado que os pequenos humanistas fiéis ao modelo italiano da arqueologia local, deu a Lisboa o corpo de uma Tágide, fê-la nascer do lume das suas próprias águas, e não da proa ou do arado de nenhum fundador forasteiro.
Não importa que, ao coroá-la princesa das cidades, Camões sacrificasse retòricamente Lisboa no altar das convenções, dizendo-a edificada pelo «*facundo / por cujo engano foi Dardânia acesa*», e chamando-lhe a «*inclita Ulisseia*», a cidade de «*muros Ulisseus*». É quando a invoca como senhora «*a quem obedece o mar profundo*», e como lugar «*onde o licor mistura e branca areia / Co o salgado Neptuno o doce Tejo*» que o corpo da nossa cidade se levanta vivo e original.

O antigo e pitoresco Largo da Achada

Vãos do Claustro da Sé de Lisboa

Prédio quatrocentista da Rua da Achada. — A velha Calçada do Marquês de Tancos

O Arco Escuro da Rua das Canastras. — Recanto da Travessa Nova da Parreirinha. — Estátua da Virgem no Transepto da Sé de Lisboa.

IMAGENS DE LISBOA POR JOSÉ ESPINHO

—Templo *«que o nome tem da terra, para exemplo, / Donde Deus foi em carne ao mundo dado»*.
Lisboa é esta velha escarpa rodeada de almuinhas mouriscas, esta restinga ou restelo de areia fluvial onde um príncipe de Avis levanta uma ermida e a doa aos freires de Cristo, e onde um poeta renascente põe um velho prudente a rabujar a argonautas, ao mesmo tempo que faz aflorar à areia o lume sedutor de algumas ninfas... Douta contradição, reino de Cristo e de Neptuno, porta de Belém de marujos que irão dor-

A Praça dos Restauradores e dois tipos populares de Lisboa. — Fotos de Kahn

Cá estão *«as praias»* cheias de soldados *«vestidos de várias cores»*. *«aparelhados / para buscar do mundo novas partes»*. *«Nas fortes naus os ventos sossegados / Ondeiam os aéreos estandartes»*. Cá está o *«santo templo»* *«assentado»* *«nas praias do mar»*. Templo de Palas ou de Apolo, como conviria a uma terra fundada por Ulisses em pessoa? Templo de Diana ou ignota deia, como o que os Romanos deixaram em Évora dois séculos antes de Cristo, canelado nos mármores de Estremoz e encimado de graça coríntia? Não:

O famoso pórtico manuelino da Igreja da Conceição Velha, na Rua da Alfândega. — Cliché de Kahn

Dois característicos aspectos da velha Lisboa fixados pela objectiva de Kahn

mir à ilha de Vénus, a Lisboa heróica é essa.

Mas um heroísmo de origens não chega para traçar a órbita prática e diuturna de uma cidade onde é preciso morar, circular, comer. Já o Castelo de Lisboa é um mero recinto entregue aos Monumentos Nacionais para que lhe componham sàbiamente o rijo perfil inútil. Já na Alfama e na Mouraria finge de moira uma população baptizada, que por ali encontra um inquilinato de ruína e de recibo sebento. Já as almuinhas receberam: primeiro, o solar dos novos condes, promovidos, por moda, a marqueses; depois, o prédio pombalino, alinhado em correnteza pelo poderio comercial; e logo o prédio de rendimento, o palacete de ardósias ao gosto de Paris, a moradia bicuda à flamenga ou achalezada à suíça, a casa construída com lucros e reminiscências coloniais, o Ramalhete dos Maias com azulejos brilhantes, o palácio de elegância e luxo à rua do Sacramento, o gaveto boleado de Almirante Reis ou das Avenidas Novas.

¿Que terão que ver com este polipeiro da Construção Civil, Ulisses e Vasco da Gama, El-Rei D. João I dos Paços de A-Par-São-Martinho

A célebre Casa dos Bicos, na Rua dos Bacalhoeiros.— Foto de Kahn

ou El-Rei D. João III das Comendadeiras de Santos? Lisboa cresceu, radiou, passou de fixador estremenho de hostes, e de porto de escala de cruzados, a empório apetrechado com Casa da Mina e Casa da Índia. O oiro dos Quintos fê-la um roteiro de igrejas cheias de talha, trouxe-lhe pórfiros de Itália, deu plasma ao «mármore e granito» da frase solene de Herculano. Tudo quanto era facho e atalaia de navegação de longo curso foi afogado pelo casario feito à custa das cargas dessas viagens vigiadas. Santa Catarina, a Lapa, os Navegantes, a Estrela, toda a zona sobranceira à Ribeira, por onde trepava o modesto casario dos pescadores e dos petintais, ainda hoje palpável na Madragoa e na Esperança, alude aos antigos e isolados

COMPOSIÇÃO DE BERNARDO MARQUES

LISBOA, a autêntica Lisboa, define-se pictoralmente assim: – chapadas de luz sobre manchas de cor. É este o seu caracter dominante, o seu estilo tradicional. O sol e a luz-ambiente reverberam nas fachadas e telhados dos prédios, realçando as suas graças e valores incomparáveis. Dir-se-á que esta festiva policromia se destina a compensar o sombrio saudosismo que o povo lisboeta exprime na suas canções da rua.

postos de mira-mar, coroados de pequenos santuários consagrados ao Corpo Santo ou às Virgens de manto azul marinho e olhos cortados na mesma madeira das naus.
Aos altos da cidade conquistados pela urbanização expansiva sucedem-se os altos tomados para inumação crescente. A irradiação ocidental de Lisboa ganha a Lapa e a Estrela para os vivos, e logo os Prazeres para os mortos: a Pampulha, Belém e a Junqueira para os palácios e as casas: a Ajuda para os abarracamentos sumptuosos da corte fugida aos terramotos, e logo para as calmas sepulturas do longo subúrbio ribeirinho, como o Lumiar para as campas ainda quase campestres da cidade das portas saloias. A metrópole lentamente nascida do refego oriental e paralelo a Vale de Pereiro atrai a necrópole da Lisboa montante, o vasto e burguesíssimo cemitério do Alto de São João. Mas se a morada citadina exige mansão para a morte, logo as ruas areadas do Campo Santo atraem as ruas calçadas e populosas dos longos trajectos funerários. Saraiva de Carvalho, Ferreira Borges e Morais Soares vão presidir ao desfile dos lisboetas que só saem de casa teòricamente a quatro. Os cemitérios da cidade são as suas balizas longínquas, o pio despejo dos que só têm direito a vinte e quatro horas de tecto. Mas logo os mortos se vingam dos vivos incitando-os a aproximarem-se dos recintos que conceberam longe da própria balbúrdia, e que ficam agora ligados à

Palácio da Assembleia Nacional. Corpo central da fachada. — Foto de Mário Novaes

A Torre de Belém e o Instituto Superior Técnico Duas construções que documentam duas épocas: — a dos Descobrimentos e a do Ressurgimento Nacional. — Fotos de A. Passaporte e Mário Novaes

teia urbana na inextricável rede dos que foram e dos que são.
Esta interiorização radial de Lisboa, desviando-a do seu mítico assento olissipónico e da sua ribeira imperial povoada de Tágides traiçoeiras, criou-lhe nos séculos XVIII e XIX um ar de grande capital incipiente, ainda cheia de notas conventuais e provincianas. É o período áureo de uma vida urbana confortável e íntima, em que o *vecindário* põe obstáculo ao largo anonimato das grandes cidades europeias. Passeia-se em Lisboa com o vagar de quem vai de bairro em bairro sem perder a segura relação da vizinhança.

Lisboa é uma das cidades europeias onde se podem contemplar os mais imprevistos panoramas.
Clichés de Kahn e Mário Novaes

Varina. — Óleo de Mário Eloy

A vida quotidiana rege-se pelo cumprimento trocado de pessoa a pessoa; o transeunte vê no seu semelhante o lume da cara conhecida: não há acidente de rua que não leve ràpidamente à identificação do sinistrado. As trocas, no retalhista, dispensam o pronto pagamento: todos se conhecem e acreditam num movimento diário que passa pelos mesmos pontos, tem fluxos e refluxos previstos — o Rossio, a Arcada, a esquina da Havanesa, a Praça da Figueira e os largozinhos onde ainda canta a bica do chafariz. Com que saudade Lisboa se está despedindo, há anos, do grande soalheiro que ainda era ! Com que espanto a Portela de Sacavém desbanca o Cais das Cebolas! Nestes dias de chuva benfazeja e de cachos humanos nas plataformas dos eléctricos, é sedativo e doce restringir a grande capital, que desamarra para destinos desconhecidos, a este vaporzinho cacilheiro do Cais das Colunas ou a este último carro de cavalos que entra, pacato e tropiqueiro, nalgum velho quartel-convento.

Ó varina, passa...

Ó varina, passa,
Passa tu primeiro —
Que és a flor da raça,
A mais séria graça
Do país inteiro.

O teu vulto seja
Sonora fanfarra,
Zimbório de igreja;
Que logo te veja
Quem entra na barra.

Lisboa, esquecida
Que é porto-de-mar,
Sente a sua vida
Reconstituída
Pelo teu andar.

Dá-lhe a tua graça
Clássica e sàdia.
Ó varina, passa!
Na noite da raça
Teu pregão faz dia.

Vê que toda a gente
Ao ver-te, sorri;
Não sabe o que sente,
Mas fica contente
De olhar para ti.

E sobre o que pensa
Quem te vê passar,
Eterna, suspensa,
Acena a imensa
Presença do mar.

CARLOS QUEIROZ

Lisboa Monumental

por

DIOGO DE MACEDO

Certo lugar comum da retórica de botequim afirma que Lisboa não é uma cidade monumental. Se na verdade essa dignidade do monumental for considerada na sua mole arquitectónica de bloco total, duma massa de construção natural que se erga majestosa acima do nível do Tejo, como um monumento de pedra e cal, mastodôntico e compacto segundo as concepções do colossal clássico para amesquinhar a proporção do homem em relação ao volume dos montes, hemos de concordar que as sete colinas de mármore e de granito da urbe são pouco elevadas ou foram talhadas pelo destino em espraiados propícios às expansões civilizadoras dos seus habitantes, de modo que os vãos intermediários do solo diminuiram os incidentes dos efeitos, facultando de preferencia essa monumentalidade à vastidão panorâmica da superfície em horizontalidade, e prejudicando a da altura, que a perspectiva da serra de Monsanto mais dilui e compõe. Sintra naquele caso, com a espectralização dos seus volumes fechados, é mais monumental do que Lisboa. Mas daquela exigência outra concepção pode arranjar-se, negando monumentalidade à cidade, porque lhe falta um talhe urbanístico de planta geral, do qual surjam os bem calculados resultados de monumentalidade local, isto é, de imprevistas surpresas arquitectónicas, com edifícios espectaculosos, massas de arvoredo em socalcos guarnecidos de fontes ou estátuas, ou tão simplesmente avenidas ricas, bem recheadas de gosto e comodidades práticas, que dêem ao semblante de Lisboa a categoria duma Capital monumental, ou com mais precisão, duma cidade monumento.

Tudo isso lhe faltará, mas em compensação, nos seus caprichos naturais, nos do tempo e nos dos homens, Lisboa possui um carácter muito próprio, independente daquelas preconcebidas teorias, revelando a quem tem olhos virgens e entendimentos sem preconceitos, muitos aspectos monumentais, muitos recortes majestosos e abundantes situações para desenvolvimento de gostos e de sabedorias que a tornem, quando quiserem, uma excepcional cidade monumental. De quantos pormenores terrenos possui e privilegiados, basta recordar os mil lugares dos seus atraentes miradouros; de quantos encantos casuais ela guarda, basta citar os largos e becos lindíssimos, com casario típico de burgo com pergaminhos e orgulhos de fantasia; de quantos outros motivos a admirar, lembremos os belos palácios recolhidos em sítios de poético isolamento, as fachadas e as torres dos templos, que dão majestade aos recantos populosos e variedade às silhuetas dos bairros, sendo de destacar nessa emotiva vadiagem de contemplação, os formosos chafarizes que a cada passo se deparam, alguns com autêntico delineamento monumental, restos dum sentido arquitectural e decorativo que os urbanistas lisboetas cultivaram depois do Terramoto.

Mas ao classificar-se uma cidade de monumental também o limite da observação se pode referir ao caso particular dos monumentos escultóricos, isto é, à estatuária comemorativa na rua. Assim sendo, os exigentes têm alguma razão. Lisboa tem pouquíssimos desses monumentos e os seus jardins são mais modestos do que os seus cemitérios.

Diz-se mal de alguns, sem justiça na crítica, porque é pecha nossa ao fazermos um cesto... de censuras, entrançarmos logo um cento para o que der e vier.

Ao monumento do Terreiro do Paço, graças a Deus, ninguém ousa apresentar-lhe defeitos: tem proporções, tem estilo, tem arte e nobreza, está sàbiamente situado, perfeitamente integrado no melhor conjunto arquitectónico que possuímos, é a obra-prima da nossa estatuária ao ar-livre. Do arco em que se enquadra, memória erguida a alguns grandes vultos da nossa História, Viriato, Vasco da Gama, Nuno Álvares e Pombal, nos quais o público mal repara, já os críticos desdenham e nem sempre com muita razão. Seja como for, mesmo farfalhuda, aquela peça única no género, é monumental. Pena é, que outros arcos de triunfo não tenhamos, porque ainda que seja clássica a sua concepção, além de completarem na composição uma memória mais explícita, são sempre complementos decorativos de grandes perspectivas urbanas. Todas as capitais os ostentam, antigos e mo-

dernos, sendo geralmente grandes monumentos. No Rossio, o monumento a D. Pedro IV, com quatro belas estátuas no sopé da coluna elegante, é também uma obra digna de respeito, clássica e harmónica com o ambiente, certa no enquadramento da praça e emparelhando bem com a fachada do Teatro de D. Maria, cujo frontão foi esculpido por Assis Rodrigues.
Um outro monumento que merece admiração por virtudes semelhantes às daqueles, é o obelisco dos Restauradores, delineado por Tomás da Fonseca, e com duas excelentes estátuas esculpidas por Simões de Almeida e Alberto Nunes. Estas memórias são indubitàvelmente as mais monumentais que tem Lisboa. Salvo o monumento da Rotunda, levantado ao Marquês do Pombal, que além desta tem mais duas memórias no Terreiro do Paço — uma no topo do Arco da Rua Augusta e outra no medalhão do pedestal da de D. José —, todos os demais são de pequenas dimensões. O dos Mortos da Grande Guerra e o da Guerra Peninsular pouco mais volumosos, isto é, monumentais no bloco são, do que os do Duque da Terceira, de Sá da Bandeira e do Saldanha.
A fantasia do Adamastor, no Alto de Santa Catarina, é um motivo ornamental do mirante, como o Prometeu, do Jardim Constantino ou o Cavador, do Jardim da Estrela. Deste jardim alguns pequenos monumentos — a Antero, a Teófilo Braga e ao Actor Taborda — foram retirados, assim como outras estátuas decorativas — O Despertar, A Fonte da Vida e a Source —, quedando lá felizmente, o monumento a João de Deus e a estátua da Guardadora de Patos. No Parque de Benfica temos o monumento a Silva Porto, e na Avenida da Liberdade os de Pinheiro Chagas e Rosa Araújo. Nenhum porém, pode ser considerado monumental na acepção vasta e convencional da classificação. Tão-pouco o do poeta Chiado ou de Eça de Queiroz, apesar de serem boas esculturas, merecem a pompa do adjectivo. A palmatória do Largo da Misericórdia ou a memória de Eduardo Coelho, em S. Pedro de Alcântara, quedam em igual caso. O Homem ao leme, no Cais do Sodré, o Rafael Bordalo, no Campo Grande, o Castilho, em Santa Luzia, o França Borges, na Patriarcal, e o Valmor, do Largo da Biblioteca são também pequenos motivos decorativos naqueles recintos. Restam os monumentos a Afonso de Albuquerque, em Belém, a António José de Almeida, no Arco do Cego e o de Camões, com as estátuas dos Cronistas ao redor da peanha, que não sabemos se merecem aquela classificação dada à Fonte moderna da Alameda de Afonso Henriques. Bem visto o problema por esta face, Lisboa não pode considerar-se uma cidade monumental, embora tenha umas dezenas de estátuas repartidas por lugares incidentais, como a do Infante D. Henrique, no portal do Jerónimos e a de D. Sebastião à porta da estação do Rossio. O maior e mais imponente monumento de Lisboa, é sem dúvida o Tejo, obra de Deus.

DESENHOS DE J. ESPINHO

LISBOA

em seis litografias do século dezanove

Porta principal da igreja de Sta Maria de Belem. em Lisboa

O Chafariz do Loreto e o Palácio das Necessidades, como Legrand os viu no século XIX.

O Teatro de S. Carlos, há cem anos.

Aquilo a que hoje se chama a fotogenia de uma cidade, não é outra coisa senão o seu pitoresco: — formas, cores, perspectivas e luz, equilibradas harmònicamente, de modo a impressionar a sensibilidade visual, como se o objecto já constituísse, em si mesmo, uma obra de arte. Lisboa sempre foi pitoresca e, portanto, fotogénica. Já o era no século passado, como o provam os numerosos álbuns de gravuras para as quais serviram de modelo os seus bairros antigos, os seus jardins, os seus palácios e monumentos. A diferença está só em que não havia máquinas fotográficas. Mas havia, decerto, mais respeito e amor pela Natureza, e um culto da verdade mais ingénuo e caloroso. Tanto bastava para que esses produtos artísticos ficassem tambem a valer, através dos tempos, como preciosos elementos de documentação histórica — estando neste caso as seis graciosas e injustamente esquecidas litografias de Legrand, que reproduzimos nestas páginas.

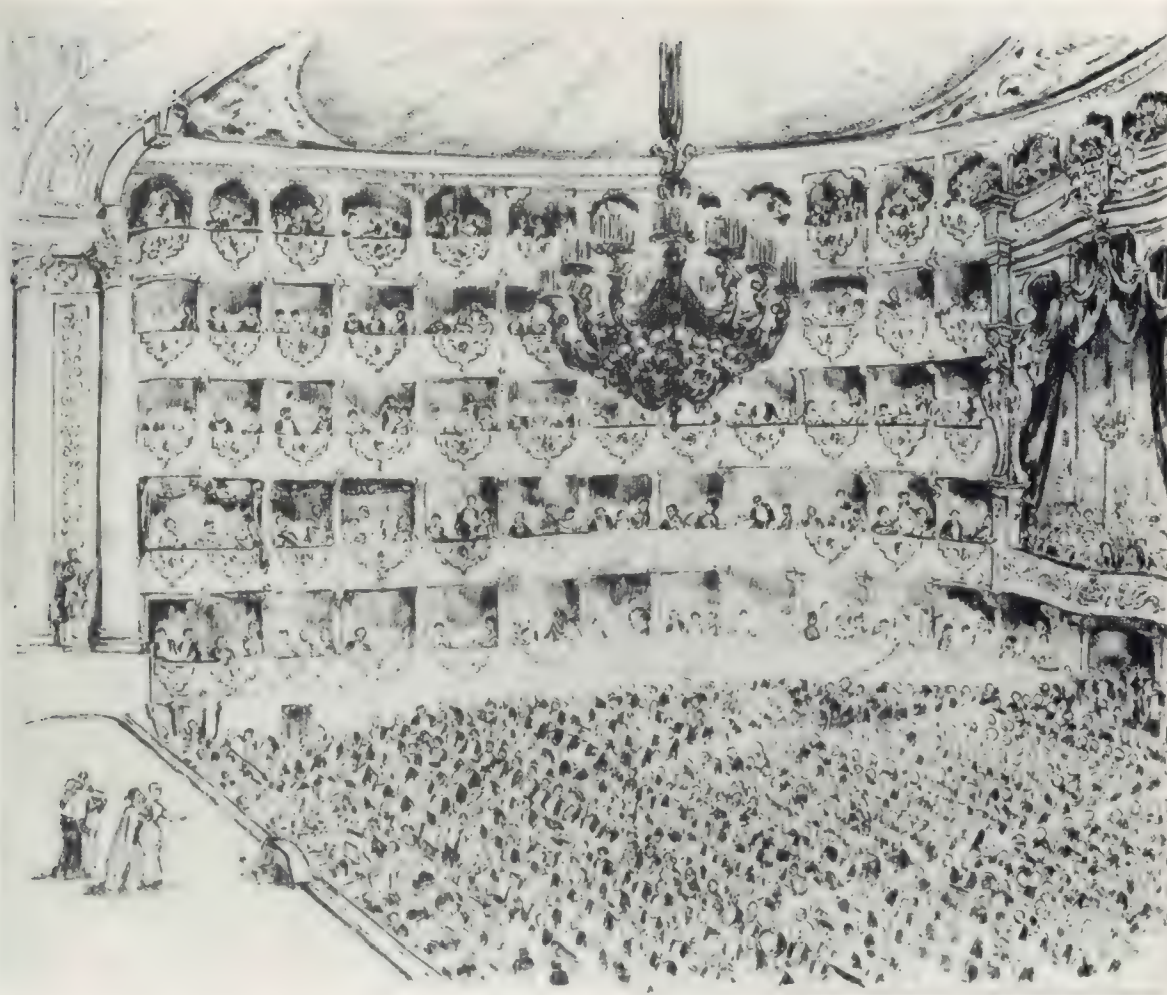
Não passava um artista estrangeiro em Lisboa, no seculo passado, que não ficasse entusiasmado com o «Passeio Público», contando-se, talvez, por dezenas, os quadros e gravuras originais que o interpretam. Esta que se vê ao alto, não sendo tão bela como a que publicámos na capa do nosso número 13, é, no entanto, uma das mais curiosas. — Em baixo: O «Arsenal do Exército.»

DESENHOS INÉDITOS DE
RAFAEL BORDALO

Bordalo

A SUA OBRA E A SUA PERSONALIDADE DE CRÍTICO E DE HISTORIADOR

INGUÉM que um dia queira escrever sobre a história da vida portuguesa, no desmoronar do século passado, poderá enjeitar a consulta da obra de Rafael Bordalo Pinheiro. Da «Lanterna Mágica» à «Paródia», do «António Maria» aos «Pontos nos ii», fecha-se todo o latejar do sangue nacional correndo as veias dos acontecimentos. Nos homens com as suas fraquezas, os seus ridículos, as suas vaidades, as suas ambições, o seu pitoresco, nos factos mostrados pela sua face risível, pelo seu ângulo caricatural, pela sua perspectiva menos atraente e mais violenta, é que o investigador desapaixonado poderá melhor entender a Verdade, procurando recolocá-los dentro do seu sentido exacto e na posição real em que eles se exibiram e afirmaram. A obra dos comentadores louvaminheiros, dos cronistas oficiais da Vida, daqueles que, integrados na fatalidade das dependências, se subordinaram à uniformidade de um coro, nunca alcança a expressão, o relevo e a eloquência dos que — embora desafinem, uma ou outra vez — buscam isolar a sua voz e proclamar-lhe a independência. E não há tarefa mais difícil e mais ingrata, mais sujeita a riscos de erro e de obliteração, do que a de buscar a exactidão de um acontecimento ou o contorno de uma figura, através de uma floresta cerrada de encómios e de louvaminhas, porque este processo de fixar e de perpetuar, recobrindo-os de subserviências e de disfarces, os deturpam irremediàvelmente.

O exagero da caricatura, não. Os contornos, as feições, as proporções, a verdade, vêem-se nìtidamente para lá da deformação. E assim, correndo, por exemplo, a teoria de uma figura caída debaixo do lápis risonho de Bordalo, o

Teatro de S. Carlos — Récita de Gala

Fontes, o Bazzorra, o Melício, o Hintze, no campo da política, ou a Princesa Rattazzi, ou o Gaspar da Viola, ou o Conselheiro Pim, no terreiro da vida pitoresca do final do século XIX, os descontos surgem numa evidência de prodígio, e elas saem nítidas, precisas, exactas, perante os nossos olhos de perscrutador.

Nas páginas admiráveis deste grande e extraordinário cronista da Vida Portuguesa, a nossa gente e as nossas coisas revelam-se como num grande *cliché* fotográfico. Nada pôde escapar à sua observação de homem de génio, nem à sua independência, nem à sua isenção de combatente, nem à ousadia do seu riso castigador, que não receava ataques nem temia que lho secassem na boca. O *Ridendo castigat mores,* sobre ser um panaceia universal, ainda se impõe pela salutar virtude de nos afirmar que o prejuízo condenável nunca esteve no exagero do remédio mas no mal que o sugere, e este está nos «costumes» e não no «riso». Não foi Bordalo quem demoliu; eram as instituições que se desmoronavam. Ele apenas soube fixar os fragmentos e os destroços do desmoronamento. Nunca uma sátira foi causa, senão um efeito.

Percorrendo a obra de Bordalo, o alfacinha mais senhor do seu clima e do seu meio, desse período da vida de Lisboa, sente-se viva e palpitante, resfolegando, gemendo, rindo, sofrendo e gritando, a sua cidade natal, como as Caldas da Rainha se sentem no período das suas «escapades» veranescas, como todo o país se entende através das páginas jornalísticas do artista prodigioso do lápis. Não há episódio da existência nacional, que valesse como expressão vital, escapo à sua observação de artista e de escritor — escritor inimitável de legendas, formais e definitivas, de certeza no ataque e de profundidade cáustica no conceito. Tudo está ali em

alternando-se as grandezas com as mesquinharias, o bem com o mal, o estrépito dos risos com o silêncio das lágrimas.
E, repare-se ainda. Muitos dos elementos que deram cor, relevo e forma à sociedade do tempo de Bordalo, na sua acção que alguns poderiam julgar insignificante, ficariam desconhecidos se o seu lápis os não imortalizasse e lhes não definisse a silhueta, destacada fugidiamente num incidente de drama ou de comédia. Um historiador oficial nunca falaria deles, e ter-se-ia perdido o conhecimento dessa falange que, tanta vez, vem a constituir a feição mais marcante e mais decisiva da fisionomia de uma época.
Os «Pontos nos ii», o «António Maria» e «A Paródia» são verdadeiramente crónicas da Vida dos portugueses do final do século XIX. E nenhuma se escreveu tão faladora e tão convincente como elas. A arte, a literatura, os costumes, a política, o povo, saem das páginas de Bordalo e conversam conosco horas a fio, e agitam-se, e gesticulam, e segredam, e gritam, centenares de páginas, na vibração constante do seu talento singular.
Tal qual Eça de Queiroz, que quis falar pouco menos de sòzinho, na sua época, enjeitando o coro da massa anónima, donde o seu génio de nobre e ousada independência o repelia, Rafael Bordalo Pinheiro cavou entre ele e o vulgo, entre a sua personalidade e os conformistas, entre a «panache» do seu espírito e a subserviência alheia, uma vala profunda sobre a qual o riso e a sátira pulavam desconsertadamente.
E, todavia, nenhum facto nem nenhum homem saiu diminuído dos seus admiráveis desenhos e das suas admiráveis legendas, nenhuma deformação foi a ponto de impedir que o futuro conhecesse, tais quais foram, esses factos e esses homens. O que ficou marcado, e profundamente, como traço de buril em lâmina de cobre, foi o determinismo de cada acontecimento, foi a acção de cada personalidade, foi o efeito social de cada causa, foi a Vida que se viveu,

Princeza Ratazzi e Júlio César Machado – «Álbum das Glórias».

Página com alguns dos desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro, ilustrando o interessante livro de crónicas de Júlio César Machado «Os Teatros de Lisboa», onde ambos focaram os mais notáveis acontecimentos e figuras da vida teatral e boemia dos últimos vinte anos do século passado.

Prato de faiança. A primeira peça realizada por R. Bordalo Pinheiro na fábrica das Caldas da Rainha

como todos os bons cavaqueadores cuja companhia se procura a desenfastiar-nos das torpezas e das sensaborias, e a lavar-nos os «bofes» do ar miasmático e de baforadas de fumo corrosivo.

E cansem-se os que teimarem em perorar sobre o influxo malévolo do riso que castiga numa caricatura, ou da sátira que se exprime num perfurante pedaço de prosa. Cansaram-se, assim, alguns que quiseram anatematizar Eça de Queiroz, pela sua insubordinação e pelo seu inconformismo, pela sua genial independência que foi um sopro de vida, agitante, dado a uma sociedade conselheiral estrebuchando numa rede ancestral de preconceitos e de ridículos, cada vez mais apertada. O que fica, afinal, do tempo que passa e que vai, escurecendo mais e mais, a imiscuir-se nas trevas da distância, não são aqueles que são iguais a todos, que se parecem, um a um, e só pensam em formar o bloco anónimo e vulgar, desaparecendo e diluindo-se nele; não são os do coro, os conformistas, os falhos de individualidade própria, os transigentes, os cultores da Vulgaridade, feita Deusa pagã; os que ficam, os que, por fim, sobrenadam à superfície da Vida, com os seus gritos e as suas independências, são os inovadores, os que se não confundem, nem nas horas pacíficas nem nos momentos de combate, os que puderam e souberam cantar sòzinhos, fora do coro geral, e sobretudo os artistas e os escritores de talento que, como Eça, Bordalo e outros, constituem a primeira expressão da fisionomia dos povos e a mais cintilante afirmação da sua personalidade social.

O génio de Rafael Bordalo Pinheiro é uma bandeira que nunca se deve enrolar, nem descer. Cumpre aos escritores e aos artistas portugueses desfraldá-la bem alto e sempre como preito da inteligência à inteligência, como homenagem do espírito ao espírito. E aos historiadores cumpre o agradecer-lhe a obra — a mais admirável crónica da vida portuguesa de 25 anos que jámais se escreveu... com a ponta de um lápis.

MATOS SEQUEIRA

FOTOS DE MARIO NOVAES

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Meringue, peça de barro cozido e policromado, pertencente ao Museu Bordalo Pinheiro

O SOLAR DO VELHO PORTO

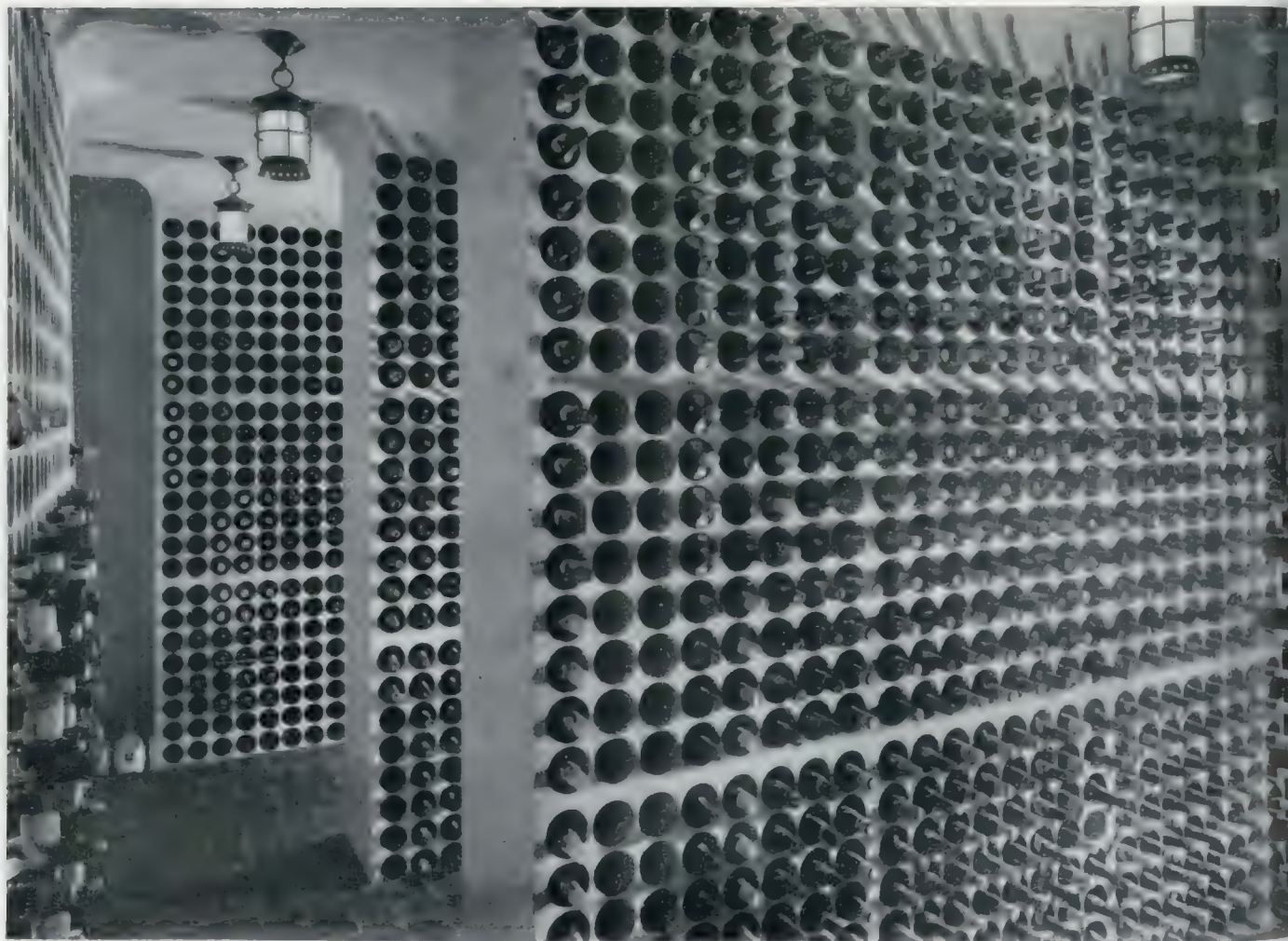
É ali na Rua de S. Pedro de Alcântara, n.º 45... O elevador da Calçada da Glória termina a sua penosa ascensão e, mesmo defronte, a curtos passos da paragem, damos de cara com o antigo Palácio Ludovice, nos baixos do qual, por sensata resolução do Instituto do Vinho do Porto, *foi instalado o* Solar.

A porta da entrada, ao fundo do átrio do Palácio, é de ferro forjado, no estilo da que reproduzimos na gravura da esquerda. Esta é a da «enoteca» — como se lê no dístico pintado por cima. Trata-se de um neologismo destinado a substituir a palavra «garrafeira». Fixemo-lo, portanto: «Enoteca»... «enoteca»...

Nada mais nada menos que 5 mil exemplares das mais diversas marcas registadas, de todas as idades, tipos e preços, estão ali armazenados e rigorosamente classificados. Entra-se, pede-se a lista, escolhe-se a marca e o título — e pronto: dentro de alguns instantes aparece a garrafa, cujo vinho nos será tècnicamente servido, no bar, *se estamos com pressa, ou numa das mesas do salão, sentados em confortáveis cadeiras de braços.*

Dissemos «tècnicamente servido», porque há, como nenhum apreciador ignora, uma técnica ou arte de servir para cada género e espécie de vinhos. A temperatura do líquido, o formato do copo, os

acompanhamentos... Tudo isso tem quase tanta importância como os processos de preparação, de engarrafamento e de trasfega.

Quanto ao Vinho do Porto, por exemplo, basta dizer que os cálices em que habitualmente é servido, nas nossas casas, nos restaurantes, nos cafés *e nos* bares, *estão contra-indicados, tanto pelo formato como pelo tamanho. «O copo de vidro fino, adelgaçado e polido, deve ter o clássico formato da túlipa e assentar sobre uma haste fina, não muito esguia, ligada a uma base circular avantajada». Eis o que se aprende nesse excelente livrinho de iniciação — «Arte de beber o Vinho do Porto» — que Valente-Perfeito*

escreveu e o Instituto, *em boa hora, editou. Igualmente importam os acompanhamentos, para que resulte mais saborosa a bebida. Às refeições, segundo o mesmo especialista, o momento mais indicado é aquele em que se serve o queijo: «...Queijo da Serra, acasalado com marmelada, não conheço combinação que se avantage para induzir um «Tawny» de categoria a revelar todo o seu misterioso encanto». Mas não é só o queijo que agrada ao Vinho do Porto. À hora do aperitivo, ou depois de um jantar, «algumas espécies de bolachas, as amêndoas torradas e cobertas de leve camada de sal, as nozes e, sobretudo, as azeitonas, são-lhe particularmente gratas; as azeitonas de Elvas, então, são soberanas na prova de um Vinho do Porto».*

Se o Instituto *foi feliz na escolha do local, não o foi menos na dos realizadores desta obra: o arquitecto Jorge Segurado e o decorador José Luís Brandão de Carvalho. Tudo está certo naqueles interiores, evidenciando um rigoroso estudo preparatório e um exacto sentido de colaboração na feitura dos mais pequenos pormenores arquitectónicos e ornamentais. Em baixo, temos a enoteca, o* bar *e o grande salão, harmónicos de proporções e de cores, com um mobiliário confortável e aprazíveis recantos para conversas íntimas. Luz discreta, suavemente distribuída. No pavimento superior fôram instaladas as dependências da Direcção, uma sala-biblioteca e outra de fumo — das quais reproduzimos, nesta página, dois elucidativos aspectos — que se destinam a exposições e à recepção de individualidades estrangeiras.*

Não se trata, como acentuámos num eco publicado no Boletim *do nosso número anterior, de um estabelecimento de natureza estrictamente comercial, criado para interesses de lucro imediato; a iniciativa deste* Solar *visa mais alto e mais longe: — É uma sala de visitas, num lugar selecto onde se pode apreciar, num ambiente agradável, um vinho de qualidade. Está aberto a todo o público e as bebidas não são, de facto, gratuitas; mas a finalidade que se procura atingir é divulgar o hábito de se consumir o nosso mais nobre e afamado produto, pondo em evidência o prestígio do seu nome e das suas virtudes insuperáveis.*

(FOTOS DE ALVÃO)

NOTAS PARA UM PERFIL DA

GUINÉ

Rapazes «felupes»

IMAGINO um professor de geografia, depois de tossicar um ligeiro catarro circunstancial, interrogando o seu aluno sobre o que sabe quanto à Guiné. E o interrogado começaria a distender, como segue, o que na memória tivesse, relativamente ao assunto.

...Nuno Tristão descobre em 1446 o Rio Geba, a que Cada-Mosto, o veneziano célebre, chama, mais tarde, Rio Grande. Surpreendem-no os *nalus,* e massacram-no, com mais vinte dos seus companheiros, gentis-homens da casa do Príncipe Henrique, escudeiros, gente de armas e matalotes.

É pouco mais ou menos nessa época que Lançarote, escudeiro do mesmo Príncipe, funda a primeira companhia colonial.

Começa, então, o tráfico de escravos.

Decorrem dois anos. O dito escudeiro envia os seus navios à Guiné, e em 1461, as ilhas de Cabo Verde são colonizadas com os indígenas dos nossos domínios do Continente africano.

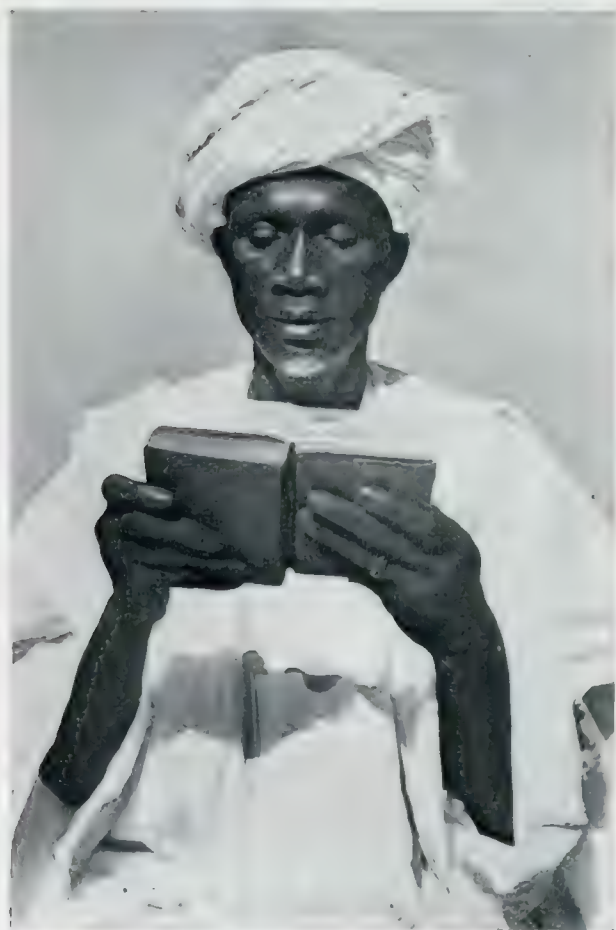
A primeira cidade portuguesa, que se instala no Rio Grande de Buda, em Guinala, fundam-na um punhado de monges, em 1584.

Decorrem mais quatro anos. 1588.

É quando se constroem as fortificações de Cacheu, o forte e a igreja de Buda, as aldeias de Bolola e de Geba.
Mais três anos ainda, e surge Farim.
Só muito mais tarde, em fins do século XVII, é que são construídas a fortaleza e a feitoria de Bissau. É a Companhia de Cacheu e de Cabo Verde que as torna possíveis.
Estamos no século XIX. Nesta época procura a Grã-Bretanha, por todos os meios, apoderar-se de Bolama.
Resolve o conflito, a favor de Portugal, a arbitragem do Presidente Grant.
Em 1879, subtrai-se a Guiné aos laços administrativos, que até então, a prendiam a Cabo Verde, e passa a ser uma Província.
Em 1910, ainda é necessário manter na Colónia um regímen misto, de administração civil e militar. Tribos guerreiras povoam a Guiné, dispostas a não abdicarem da sua atrabiliária independência...
Interrompo aqui esta successão algum tanto engonçada, de sabedoria escolar, porque sinto que qualquer coisa tinha que dar-se *agora*...
Eis, de facto, o momento, em que o Destino deliberou tomar uma das suas maravilhosas decisões, que constituem os *absurdos,* cheios de lógica, da História...
Diz-se vulgarmente, creio mesmo que é já uma bem sediça verdade, cujo conhecimento não deve conferir cartas de experiência vital, a quem quer que seja, — que quando no mundo surja qualquer inextricável social, *alguém* terá de aparecer sempre, que desimpeça o ansioso e atormentado nó. Em 1910, pois, toda a Guiné é um acervo de ódios, fermentando contagiadoras rebeliões, entre a matula indígena que a povoa.

Cego de Bissau

Nenhuma sorte de segurança podem esperar, para as suas vidas de obreiros pertinazes, os núcleos de europeus, que lá se instalaram.
Perspectivas de assaltos, de ataques sem quartel, ululando todas as imaginativas da crueldade, são o cariz amargo do quotidiano...
Ora, é neste instante preciso que o Destino criou a figura enorme de Teixeira Pinto.
Tem o posto de capitão. Usa uns bigodes triviais, que lhe imprimem à máscara o modo correntio, espectacularmente façanhudo, terrífico, dos militares da época.
Abaulado de costas, um tudo nada espesso de estructura, torna possível, vendo-o, *sem ligar o nome à pessoa,* que se nos forme no espírito a admissão de que seja antes um espécimen de comerciante, preocupado sobretudo com os proventos práticos da sua mercancia...
Foi, no entanto, com este Homem que a pacificação da Guiné passou a constituir

Afamado médico senegalês — Uma canoa no rio Cacheu

para Portugal uma das suas mais ardorosas *gesas* de Heroísmo.

*
* *

Comecei este pequeno artigo com uma enumeração de datas.
Todos os guias e compêndios de ensino as mencionam.
Elas são, por assim dizer, os marcos abstractos, com que a História vai fixando na lembrança dos que a estudam, as suas verdades incidentais.
Para mim, a Guiné ultrapassa em muito este conceito escorridamente circunstancial de acontecimentos.
Para mim, ela é a mais caracterizadamente africana, de toda a *terra negra,* sobre que a bandeira portuguesa estende a porfia esbelta da sua dominação.
Pude conhecê-la, de extremo a extremo, há uns remotos vinte anos, quando, por não

Casuarinas na praia de Varela — Tatuagem numa rapariga Manjaca

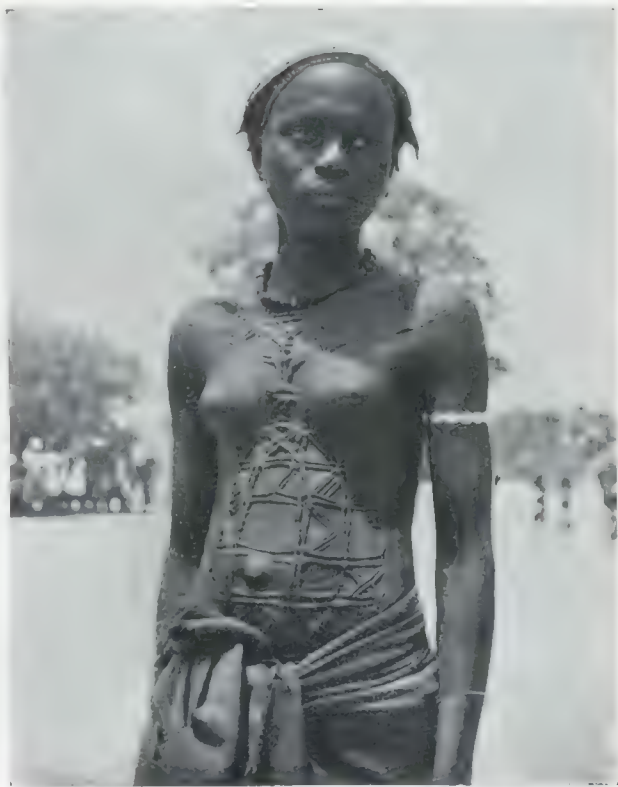
importa que fortuito administrativo, nela desembarquei, contaminado por merencórias toxinas de vago escritor, disposto a — durante todo o tempo que por lá me conservasse, — não deixar nem um dia só de sentir a mais inconsolável, a mais devastadora saudade da Europa, que deixara, longe...

O bom propósito pedante! Pobre fantasma, que, pouco a pouco, se esmaecia na distância, essa Europa (afinal, apenas, as mesas enfáticas, morrinhentas dos cafés de Lisboa, onde a vida nos embolorece...), da minha condição altaneira de civilizado!

...A Guiné tomou-me todo.

Sob a influição da quermesse bizarra e multicolorida das suas onze raças e diversas sub-raças; da maravilha pessoalíssima da sua fauna; da sua ornitologia opulenta e variada, em que as cores das aves dir-se-iam fugidas de uma paleta de pintor impressionista, pela diversidade ofuscante dos tons, — era inevitável que o esquecimento do que desliza no Chiado, ou se encosta às suas esquinas, em aprumos ocos de *cheviotte,* — esse esquecimento era inevitável que se verificasse.

Aqui fica o meu exemplo, ou, melhor, o exemplo do meu *caso,* para as almas novas de lusíadas, que, descrentes dos esplendores babilónicos da *Baixa,* encolhendo os ombros ao que tenha de indispensàvelmente magnífico o bocado de chão entre o *Loreto* e o *Rossio,* — queiram, algum dia, meditar nele a sério e se disponham a atravessar o Atlântico, para repetirem, encantados com a Guiné que irão encontrar, o meu «mea-culpa» de minúsculo requintado desdenhoso.

Carlos Parreira

Na Quinta das Janelas

por MOTTA CABRAL

À vista do castelo de Óbidos, em rincão extremenho, afastado do Tejo e próximo do mar, eu pensava naquele príncipe turbulento, brigão e femeeiro que, já cinquentenário, após estúrdia ceia de lagosta, se deixou frechar por uma seta de Cupido, na Quinta das Janelas, e, em busca de prazer, topou com a morte. E logo na saleta de entrada deparo com a mesa de quatro pés vinda, por empréstimo do vizinho convento de São Miguel, para a autópsia do corpo musculado em compleição robusta, de dois côvados e meio de altura, do infante D. Francisco. Isto passou-se em Julho de 1742, quando El-Rei D. João V, hemiplégico, buscava alívios nos banhos termais das Caldas.

Assim aquela casa, por o ter hospedado e lhe ter recebido o último suspiro, ficou ligada à memória deste príncipe de memória triste pelos deslizes e crueldades que a história lhe atribui. Mas como também se conta da sua residência em Queluz acentuado melhoramento e aformoseamento do palácio, não me repugnaria admitir, ante a beleza senhorial da casa, que esta houvesse sido propriedade sua — mera conjectura só ditada pelo *cachet* principesco; pois que apenas averiguado parece que D. Francisco ali morreu. E também se diz que lá se achava hospedado. Tal não é de estranhar, pois não havia palácios onde coubesse a corte numerosa dos reis, quando se deslocavam, sobretudo tratando-se do Rei Magnânimo. De resto, era de uso corrente.

Por portão armoriado entra-se em espaçoso pátio quadrangular: três dos lados são formados pela moradia, celeiros, cavalariças, cocheira e dependências de casa agrícola — o quarto, por muro com grades de ferro, onde se abre o portão brasonado com as armas dos Freires de Andrade.

Fora e em frente, mais cavalariças e o bem acabado picadeiro onde Faustino da Gama mostrou os poldros de três anos e meio, todos de boa plástica e cujo estado de mansidão e arranjo, só por si, lhe dariam honras de cavaleiro e de homem de cavalos.

A apalaçada moradia de rés-do-chão, rica construção do século XVII, a que o actual proprietário, Snr. Luís Xavier da Gama, deu todas as comodidades modernas, conserva (e por tal bem haja o Snr. Gama!) intacta a feição exterior, o cunho que dela faz exemplar talvez único em terra lusitana: grandeza sem frialdade de monumento, ar de nobre encanto a que bem se alia a ideia de conforto.

(Continua na pág. 1)

Pormenores arquitectónicos da «Quinta das Janelas»: A frontaria, um ângulo da casa, o chafariz e uma das varandas. — Fotografias de Motta Cabral.

UM BAR-RESTAURANTE NA ESTRADA MARGINAL

Vela Azul

Havia em Caxias uma velha casa abandonada, quase em ruínas, que só por estar situada num dos melhores pontos de vista da Estrada Marginal atraía as atenções dos menos distraídos. Fred Wulff, um estrangeiro já aclimatado à Costa do Sol e conhecedor dos seus recursos turísticos, passou por lá um dia e disse consigo: — «Podia fazer-se aqui uma simpática casa-de-chá, ou até, com boa vontade e certa audácia, um pequeno hotel-restaurante...»

Ora essa boa vontade e essa audácia já ele tinha posto à prova em Portugal, montando e dirigindo, com êxito crescente, a exploração de três estabelecimentos congéneres: o «Palm Beach», o «Nina» e o «Galgo», que durante os últimos anos contribuíram para tornar mais divertida e civilizada a vida nocturna lisboeta. — Porque não experimentar novamente? E ali temos agora a «Vela Azul», respondendo a esta pergunta com a risonha nitidez da sua arquitectura de linhas modernas e o acolhedor conforto dos seus interiores.

A «Vela Azul», além de um grande salão-restaurante e de baile, de um amplo terraço para refeições e festas ao ar livre, do «bar» e de uma sala íntima, com lareira, no pavimento inferior, dispõe de quatro quartos de luxo, com casas de banho privativas, e outros tantos — de mais modestas instalações, mas igualmente confortáveis — destinados a fins-de-semana.

O projecto do edifício é da autoria do jovem arquitecto Filipe de Figueiredo, que interpretou com o maior acerto a ideia de Fred — único proprietário da «Vela Azul», que teve mais uma vez como excelente colaboradora a sua irmã Margarida Barbosa Pinheiro, cujo talento e aptidões invulgares se revelaram pùblicamente, há tempo, numa interessante Exposição de Artes Decorativas efectuada no Estúdio do S. N. I. De facto, tanto o mobiliário como os diversos motivos ornamentais, de concepção original e de gosto requintado, concorrem para fazer deste moderno restaurante, casa-de-chá e estalagem, um magnífico elemento de atracção turística e um dos mais agradáveis centros de diversão à beira do Tejo.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Não são apenas as animadas diversões que atraem os turistas ao ESTORIL, mas tambem o seu dilicioso clima e os seus belos e repousantes aspectos paisagísticos.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

HOTEL MONTE ESTORIL

No movimento progressivo e renovador que nos últimos anos se tem verificado em todo o País, é a indústria hoteleira que no capítulo do turismo tem acusado o mais decisivo impulso.

Além da construção de várias Pousadas que podem servir de modelos de bom gosto no arranjo das suas instalações e de outros estímulos orientadores dos organismos oficiais, os nossos hotéis vão pouco a pouco mostrando a boa vontade e o espírito compreensivo de quem os dirige, evidenciando o justo propósito de apetrechar condignamente o país com os elementos necessários para o desenvolvimento turístico que a sua situação geográfica e a suas condições próprias incontestàvelmente lhe asseguram.

Esta revista, na sua função de propaganda e de merecido estímulo a todas as iniciativas que possam concorrer, neste sector do turismo, para o nosso engrandecimento, tem dado sempre o justo relevo a todos os melhoramentos ou inovações dignas de especial registo.

Está neste caso o antigo Hotel de Itália, do Monte Estoril, que o espírito renovador do seu proprie-

«Maquette» de um exterior do Hotel

tário Guilherme Cardim, agora transformou completamente, melhorando e ampliando as suas instalações e dando-lhe um aspecto moderno e civilizado que pode bem apresentar-se como exemplo a seguir. o novo hotel fica com uma lotação de 96 quartos, com 63 casas de banho privativas, o que deve torná-lo, antigo edifício, que foi interiormente renovado e melhorado desde as instalações de serviço até aos modernos salões confortáveis e amplos, e a todas as suas dependências.

Com um novo andar que domina, dos terraços próprios de cada quarto, a esplêndida baía de Cascais, o novo hotel fica com uma lotação de 96 quartos, com 63 casas de banho privativas o que deve tornar, neste aspecto, um dos hotéis que melhor correspondem às exigências de comodidade e conforto a que esta indústria hoje tem de obedecer.

Mas não se limitou a este principal requisito que hoje deve possuir todo o hotel que se possa considerar dentro da sua época; a escolha do mobiliário de todas as salas, quartos e dependências, as cores e os tons criteriosamente escolhidos nas paredes e decorações de acordo com as mais modernas exigências de iluminação, bem como todas as instalações — tudo foi criteriosamente estudado nos seus mais diversos pormenores, de modo a tornarem o serviço impecável e a oferecerem a quem o frequente o máximo conforto.

Não foi sequer esquecido o revestimento isolador das paredes que evita em cada quarto o incómado de quaisquer ruídos externos.

As próprias acomodações para o pessoal podem considerar-se modelares e justificam — pelo estímulo que dão e hábitos que fazem adquirir, a boa apresentação e diligência em todo o serviço.

O novo Hotel, com o aspecto majestoso que lhe dá a maquette que reproduzimos, pode assim considerar-se certo na privilegiada zona do Estoril, que é um dos nossos melhores cartazes internacionais — mais um grande valor turístico com que podemos contar.

Uma confortável sala do Hotel Monte Estoril

Magalhães, Filho: "A Fêmea". Prémio "Amadeu de Sousa Cardoso"

OS DOIS SALÕES DO S. N. I. EM 1946

À *Décima Exposição de Arte Moderna* — Pintura e Escultura — seguiu-se, apenas com dois meses de intervalo, a *Primeira Exposição de Desenho, Aguarela, «Gouache» e Pastel*. Esta iniciativa impunha-se e, com ela, a criação de mais três prémios instituídos pelo Secretariado Nacional da Informação: os de «Domingos Sequeira», «José Tagarro» e «Francisco de Holanda» — destinado, este último, aos expositores estrangeiros.

As legendas que acompanham as reproduções insertas nestas páginas, elucidam os leitores acerca da decisão dos respectivos júris na atribuição desses prémios. O que é oportuno e justo assinalar, antes de mais nada, neste breve artigo, é a constância do apoio que os artistas de nosso tempo encontram

Almada Negreiros: "Aguarela". Prémio "Domingos Sequeira"

da parte do Estado, por intermédio de um organismo que lhes proporciona — mais do que a possibilidade de uma recompensa material aos talentos individuais — o incentivo que representa uma frequente competição de méritos e um assíduo contacto com o público.

Que se impunha a iniciativa de um Salão anual de desenhos, aguarelas, «gouaches» e pastéis, demonstra-o a excelente qualidade de numerosos trabalhos expostos, e a diversidade de estilos, temperamentos e processos mais uma vez revelados pelos nossos artistas contemporâneos, entre os quais já não são raros os que podem, com a sua obra, honrar o nome de Portugal nos grandes centros artísticos do estrangeiro.

Graça, fantasia, poder de observação e aquela pontinha de espontâneo lirismo com que a sensibilidade nacional marca os plásticos mais sinceros, de vocação genuina, são virtudes de que a maioria dos expositores souberam, à sua maneira, tirar partido. Com mais ou menos técnica? Com mais ou menos sentido de equilíbrio, ou — se preferem — respeito pela realidade? Sem dúvida nenhuma. Não se

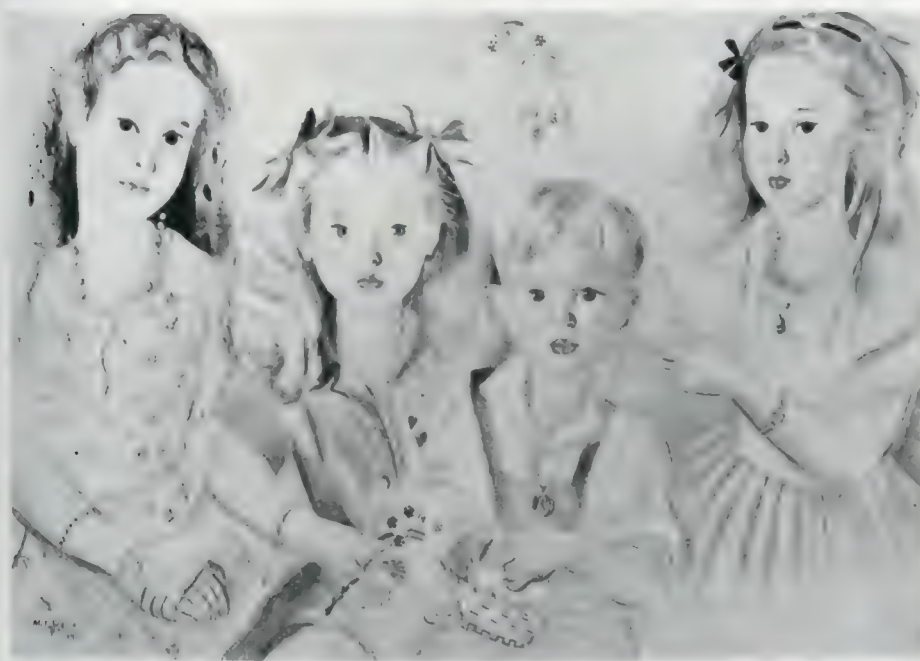
Salvador Barata Feyo: «Imaculada». Prémio de Escultura «Mestre Manuel Pereira» — de 1946.

balhos justifique, qualitativamente, a razão de ser da exposição.
Aliás, ninguém ignora que a nossa época, tão assediada pelas urgências do cotidiano, está longe de ser das mais favoráveis ao progresso das artes. O que é espantoso e admirável, é que elas resistam e perdurem.
E se, por um lado, podemos lamentar que o incremento das Artes Decorativas tenha sido prejudicial ao cultivo da Pintura (fenómeno bem notório de há vinte anos a esta parte), somos forçados a reconhecer que o mesmo não aconteceu, pelo menos entre nós, com a Escultura.
Talvez em nenhuma época da história da Arte nacional haja existido uma pleiade de escultores tão numerosa e apta para realizações de grande vulto, como essa que nos úlimos Salões do S. N. I. tem exibido os seus trabalhos.

F. DE L.

Gretchen Wohlwill «Retrato de Menina». Menção Honrosa. — Thomaz de Mello (Tom): «Desenho». Prémio «Francisco de Holanda»

trata, aqui, de competir em habilidade manual, nem de provar aos amadores do pitoresco que ninguém sofre de deformações visuais. Quem entra com esses prejuízos num Salão de arte moderna, vai cândidamente equivocado.
Decerto que as deficiências, as fraquezas e uma ou outra demonstração de irremediável impotência, foram notórias nestas, como são em todas as exposições colectivas de artes plásticas, em toda a parte e em todos os tempos.
Um Salão nunca foi um Museu. O que interessa, o que deve interessar, é que a maioria dos que a ele concorrem, tenha a sensibilidade afinada pelo diapasão da sua época (ainda que esse diapasão nos pareça desafinado...) e que a linha geral dos tra-

Paulo Ferreira: «Desenho». Prémio «José Tagarro». – Mily Possoz: «Retrato dos Filhos do Ex.^{mo} Sr. Vannienvenhoven»

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Outros trabalhos expostos no Estúdio do S. N. I. em 1946: «Desenho» de António Duarte — «Desenho» de Maria Franco do Nascimento. — «Desenho» de J. Martins Correia. — «Meninas com medo» (desenho) de António Dacosta. — (Fotos de Horácio Novaes)

Estrela Faria: «Pintura». Prémio «Columbano», concedido pelo Secretariado Nacional da Informação, na 10.ª Exposição de Arte Moderna — 1946

FEIRAS... EXPOSIÇÕES INDUSTRIAIS E AGRÍCOLAS... O tema é oportuno, visto que estamos na época mais propícia a essas manifestações da vitalidade regional, utilíssimas por todos os motivos e, particularmente, por este: As feiras e as exposições estimulam o necessário aumento da produção. Bom é, portanto, que se repitam com assiduidade — e que se multipliquem.

Repetirem-se e multiplicarem-se, é notório sinal da prosperidade das forças vivas provinciais e desejo de melhoria, no duplo sentido de MAIOR QUANTIDADE e MELHOR QUALIDADE.

Pois bem, ocupamo-nos hoje deste assunto — (bem mais directamente relacionado com o Turismo do que à primeira vista pode parecer) — para focar o seguinte aspecto: Não será uma tendência caracterìsticamente portuguesa, no âmbito das actividades a que nos referimos, interessarmo-nos mais pela *maior quantidade* do que pela *melhor qualidade*?

Era esta, de facto, uma pecha muito nossa. Daí o descrédito de grande parte dos nossos produtos de exportação, sempre em condições de inferioridade perante os seus congéneres dos países estrangeiros, contribuindo para o desprestígio nacional; daí, noutros casos, o descontentamento dos próprios consumidores nacionais, que acabavam por preferir os produtos importados; daí, finalmente, a falsa, a precária prosperidade das nossas indústrias, incapazes de rigor na selecção, de esmero no acabamento, de ânsia de progresso técnico, de bom gosto na apresentação e de sensatez na propaganda. Uma coisa rude, primária, caótica!

Hoje, podemos dizer que as coisas se passam de modo diferente — e estamos certos de que muito têm contribuído para isso as feiras e exposições regionais e, especialmente, os concursos. O CONCURSO é a melhor forma de estímulo para a melhoria de qualidade da produção. Tudo o que, posto em confronto, realça e se distingue, recebendo por isso o justo prémio, passa a representar uma bitola, um ponto de escala que os outros anseiam por atingir.

Não esqueçamos, portanto: Só as feiras e as exposições — já de si, repetimos, extraordinàriamente úteis — não bastam. É preciso que esse esforço de actividade local seja coroado, seja eficazmente valorizado pelo CONCURSO.

PRINCIPAIS RESTAURANTES E «DANCINGS» DE LISBOA

TAVARES
Rua da Misericórdia, 35

AQUARIUM
Rua do Jardim do Regedor, 50

GAMBRINUS
Rua Eugénio dos Santos, 23

CHAVE DE OURO
Praça D. Pedro IV, 36

«LA GONDOLA»
Avenida Berne, 174

CAVIAR IMPERIAL
Rua 1.º de Dezembro, 71

«SMARTA»
Rua Rodrigues Sampaio, 52

DANUBIO AZUL
Rua Castilho, 39

GALGO [a]
Largo do Regedor, 7, 1.º

NEGRESCO [a]
Rua do Jardim do Regedor, 39

NINA [b]
Rua Paiva de Andrada, 7

TOKAY [b]
Rua da Misericórdia, 12

ARCÁDIA [b]
Rua Eugénio dos Santos, 106

CRISTAL [b]
Avenida da Liberdade, 131

a) Restaurantes e «Dancings» — b) «Dancings»

ALGUNS RESTAURANTES TÍPICOS

BARRETE VERDE (Machado)
Rua do Norte

MESQUITA
Rua Diário de Noticias, 107

CAPOTES BRANCOS
Rua Diário de Notícias

TITO (Chouriço-Bar)
Rua dos Fanqueiros

FARTA-BRUTOS (Fortes)
Travessa da Espera, 20

VARA LARGA
Travessa da Boa Hora

RAFAEL BORDALO VISTO POR ELE PRÓPRIO

por *ARMANDO DE LUCENA*

Aquela figura que, à volta de 1900, ainda me lembro de ter visto descer o antigo Largo da Abegoaria, ao lado de Manuel Gustavo — seu filho e colaborador — nunca passava sem um comentário: «olha o Bordalo»! E, nessa altura, o grande caricaturista da «Paródia», o sobrevivente do «António Maria» e dos «Pontos nos ii» perdera bastante a envergadura plástica doutros tempos e já se ajeitava mal na sobrecasaca porque se tornara obeso, papudo e vagaroso no andar. Detrás do monóculo, apesar disso, a pupila faiscava ainda tão ardente e audaciosa como dantes, pois o incêndio lavrava com o mesmo vigor naquele cérebro irreverente e mordaz, embora bondoso e justo.

Bordalo, que se ria de toda a gente e que em todos sempre achava «ponta por onde lhes pegar», o que pensaria de si próprio? Não da sua mentalidade de crítico e de observador, mas do seu físico, da sua conformação de homem mundano, das suas feições triunfais, das suas fraquezas somáticas. Para que a sua autoridade de censor fosse mais firme e maior o prestígio nas lutas contra as misérias alheias, a Natureza parece tê-lo favorecido, dando-lhe figura de impecável elegância e aprumo. «Aos 23 anos,

Bordalo, no «Mosquito» — Ele e o seu gato

ainda há pouco, a seu respeito, alguém escrevera, Rafael Bordalo Pinheiro era uma soberba figura em que tudo sugeria a forte personalidade. A viveza do olhar, a expressão da fisionomia aberta e altiva, o desalinho exuberante do cabelo, fazem adivinhar o artista que foi o panfletário do «António Maria» e da «Paródia» e o ceramista admirável das faianças das Caldas».

O Corpo de Redacção do «António Maria»

Era assim, por certo, que ele também se via no tempo em que, esmagado pela saudade e abatido pelos anos, se representou na página imortal dos «Vinte anos depois», ao afiar, de novo, o seu gládio de combatente no limiar da «Paródia» que então começava a sua larga carreira.

Não se perde um pormenor de análise psicológica, nem de expressão plástica nesse admirável desenho de Bordalo. O ar sobranceiro do artista de 1879, coluna vertebral forçada, inflectindo até em sentido contrário à natural conformação anatómica, e fumarada petulante pelas narinas, dá-nos um Bordalo atrevido, quase a roçar pela impertinência; enquanto o animador da «Paródia», no mesmo desenho, se retrata vencido, alquebrado, subserviente, de chapéu na mão e cerviz baixa, monóculo caído como se fossem as cinzas duma arrogância queimada nas horas felizes da mocidade e do prestígio intelectual do seu lápis.

Qualquer observador poderá surpreender, ali, a transformação dos caracteres físicos realizada em duas agitadas dezenas de anos. Enrugou-se a fronte, dilataram-se as pápulas do sub-olhos; descaiu, alargou e amoleceu o lábio inferior; os músculos da região sub-maxilar tornaram-se flácidos, pendidos, secos. O encurvamento da espinha diminuiu-lhe a estatura dos trinta anos, e a antiga cabeleira emaranhada, rebelde e luzídia, rareou e perdeu o brilho doutros tempos. Só o que, anatòmicamente, é imutável, ou persistente na evolução física do homem, ali se mantém: a estrutura óssea do crânio e, particularmente, a da face.

Ora, isto não se faz por cálculo, por estudo ou meditação; apenas o génio o conduzia

Como Bordalo se via a si mesmo em 1870

Vinte anos depois (1903): — «Dá-me o seu lume? . . .»

nestas e noutras observações que em Bordalo poderiam ser formas inconscientes da sua penetração visual.

O caricaturista tem, por natureza, mais do que qualquer outro, o condão de observar em profundidade os tipos, os caracteres e a atitude dos homens. Uma caricatura não é um retrato, mas uma síntese expressional da figura posta em jogo, realizada muitas vezes com traços, aparentemente, alheios à constituição física do indivíduo. Bordalo foi, sob este aspecto, prodigioso, talvez inigualado em qualquer tempo e em qualquer lugar. Fontes Pereira de Melo — o Fontes, do «António Maria» — é nas suas mãos, que é como quem diz no bico do seu lápis, um brinquedo: ri, chora, barafusta, medita; os traços são sempre diferentes mas o «homem» é sempre o mesmo. Rafael Bordalo conhecia-o, conheceu-o muito bem. Acompanhou-lhe todas as modalidades fisionómicas.

No que respeita à sua auto-observação, o problema, afigurava-se grave, muito sério, porque, afinal, somos nós próprios sempre quem menos conhecemos. O egoismo natural da espécie e o instinto próprio da conservação leva-nos a ser complacentes para conosco. «Ninguém se conhece», diz o povo, e a verdade deste conceito foi, há muito, confirmada pela sabedoria das nações.

Mas Bordalo conhecia-se bem. O Bordalo colaborador do «Mosquito», de maça em punho e de chapéu inverosìmilmente desproporcionado no alto da cabeça, não é o mesmo humorista de 1880, de gaforina eriçada e de monóculo assestado, nem o Bordalo à frente da «Redacção do «António Maria» com Barbosa Colen e Alfredo Pinto — o «Pantarântula» do «Pimpão», nem tão-pouco o «Bordalo e o seu gato dos «Pontos nos ii».

Em todas essas modalidades, como aliás em muitas outras na vastíssimo plano da sua obra, não é a figura expressa pelos mesmos traços. Através dessa enorme galeria sentimos a transformação lenta da idade, o modo e o diverso vigor da sua actuação.

Acompanhou-se sempre na curva evolutiva da existência. É-nos fácil observar o aparecimento do primeiro cabelo branco, ou da primeira ruga, mas quase nunca damos pela decadência do espírito, nem pelas manifestações exteriores desse crepúsculo da vida; mas Bordalo foi sempre juiz em causa própria. Se aproveitou o riso para verberar faltas alheias, dele se aproveitou também para castigar as suas, se, porventura, elas existiam num espírito tão fulgurante como o seu.

VINHO DO PORTO

ALGUMAS DAS MARCAS REGISTADAS COM SELO DE GARANTIA DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO ★ VINHOS ESPECIAIS ENVELHECIDOS EM GARRAFA — «VINTAGE» E «OLD CRUSTED» — E ENVELHECIDOS EM CASCO

1815	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1834	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1840	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1847	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1858	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1863	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1863	*Novidade*	J. W. Burmester & C.ª, Lda.	*Aloirado claro*	**E. C.**
1870	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1870	*Novidade D*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado claro*	**E. C.**
1887	*Novidade*	J. W. Burmester & C.ª, Lda.	*Aloirado*	**E. C.**
1887	*Colheita*	Sociedade dos Vinhos do Porto Constantino, Lda.	*Tinto Aloirado*	**E. C.**
1896	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado*	**E. C.**
1896	*Colheita*	Sociedade dos Vinhos do Porto Constantino, Lda.	*Tinto Aloirado*	**E. C.**
1897	*Vintage*	Barros, Almeida & C.ª	*Aloirado*	**E. C.**
1904	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado*	**E. C.**
1904	*Colheita*	Sociedade dos Vinhos do Porto Constantino, Lda.	*Tinto Aloirado*	**E. C.**
1904	*Vintage*	Gonzalez, Byass & C.ª		**E. F.**
1908	*Novidade*	Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro .	*Aloirado*	**E. C.**
1908	*Colheita*	Sociedade dos Vinhos do Porto Constantino, Lda.	*Tinto Aloirado*	**E. C.**
1908	*Romaneira Vintage*	Real Companhia do Norte de Portugal		**E. F.**
1909	*Vintage*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1912	*Colheita*	Sociedade dos Vinhos do Porto Constantino, Lda.	*Tinto Aloirado*	**E. C.**
1912	*Vintage*	Gonzalez, Byass & C.ª		**E. F.**
1912	*Finest Reserve*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1917	*Finest Reserve*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1920	*Finest Reserve*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1920	*Boa Vista*	Offley Forrester, Lda.		**E. F.**

E. C. Envelhecido em casco
E. F. Envelhecido em garrafa

1920	*Vintage* (engarrafado em 1922)	Adriano Ramos Pinto & Irmão, Lda.		**E. F.**
1920	*Vintage* (engarrafado em 1926)	Adriano Ramos Pinto & Irmão, Lda.		**E. F.**
1922	*Vintage*	Gonzalez, Byass & C.ª		**E. F.**
1922	*Vintage*	J. W. Burmester & C.ª, Lda		**E. F.**
1923	*Boa Vista*	Offley Forrester, Lda.		**E. F.**
1924	*Vintage* (2 rótulos)	Offley Forrester, Lda.		**E. F.**
1924	*Vintage*	Adriano Ramos Pinto & Irmão, Lda.		**E. F.**
1924	*Vintage*	Taylor Fladgate & Yeatman		**E. F.**
1924	*Finest Reserve*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1926	*Bottled*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1927	*Vintage*	Ramiro de Magalhães & C.ª	*Tinto*	**E. C.**
1927	*Vintage*	Wiese & Krohn, Sucrs.	*Tinto*	**E. C.**
1927	*Vintage*	Cockburn Smithes & C.ª, Lda.		**E. F.**
1927	*Vintage*	Guimaraens & C.º		**E. F.**
1927	*Vintage*	Niepoort & C.ª		**E. F.**
1927	*Vintage*	Offley Forrester, Lda.		**E. F.**
1927	*Vintage*	Taylor Fladgate & Yeatman		**E. F.**
1927	*Finest Vintage Port*	Delaforce Sons & C.ª		**E. F.**
1927	*Carneiro's Vintage Port*	Wiese & Krohn, Sucrs.	*Tinto*	**E. C.**
1928	*Bottled*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1929	*Vintage*	J. W. Burmester & C.ª, Lda.		**E. F.**
1931	*Vintage*	Guimaraens & C.ª		**E. F.**
1931	*Vintage*	Offley Forrester, Lda.		**E. F.**
1931	*Vintage*	Wiese & Krohn, Sucrs.	*Tinto*	**E. C.**
1931	*Carneiro's Vintage Port*	Wiese & Krohn, Sucrs.	*Tinto*	**E. C.**
1932	*Bottled*	G. & J. Graham & C.ª		**E. F.**
1934	*Vintage*	Guimaraens & C.º		**E. F.**
1934	*Vintage*	J. W. Burmester & C.ª, Lda.		**E. F.**
1935	*Vintage*	Wiese & Krohn, Sucrs.	*Tinto Aloirado*	**E. C.**
1935	*Vintage*	Cockburn Smithes & C.ª, Lda.		**E. F.**

E. C. Envelhecido em casco
E. F. Envelhecido em garrafa

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Novas edições do S. N. I.

Fazem parte da colecção «Cadernos do Ressurgimento Nacional», destinada a elucidar os interessados e o público sobre as obras realizadas e os serviços prestados pelos diversos departamentos ministeriais, os dois volumes recentemente aparecidos: — «Hidráulica Agrícola» e «Repovoamento Florestal».

Estes cadernos (que são enviados gratuitamente a quem os solicitar por escrito ao Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo) inserem valiosa documentação acerca da história e desenvolvimento dos respctivos organismos, cujos grandiosos trabalhos, já concluídos e em curso, justificam plenamente o título geral da colecção em que se integram.

Uma obra nacional que se impõe no estrangeiro

Por mais de uma vez temos relevado, nesta revista, a importância e o significado da eficiente actividade desenvolvida, em todo o território continental, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. É com prazer, portanto, que registamos agora um acontecimento de que todos os portugueses devem orgulhar-se: A recente visita a Portugal de oitenta suíços — membros da «Sociedade Suíça a favor da Conservação dos Castelos e Ruinas» — os quais manifestaram respeito e admiração pelas numerosas obras que lhes foi dado apreciar em diversos pontos do País.

A Serra da Estrela progride

Está em estudo o plano de urbanização das Penhas da Saúde, e principiaram os trabalhos nas estradas que hão-de valorizar notàvelmente esse magnífico centro de desportos de inverno e progressiva estância de veraneio na Serra da Estrela, que é a Covilhã.

Dentro em breve completar-se-á um belo «triângulo de turismo», já servido de hotéis recomendáveis e que será dotado de duas Pousadas, as mais altas do Continente: a de «S. Lourenço» — construída em Penhas Douradas, sobre Manteigas, a 1.600 metros de altitude — e o «Abrigo dos Esquiadores» — no planalto da Torre, a 2.000 metros.

Abrantes quer progredir

Abrantes, a «fresca Abrantes», como lhe chamou Camões, aspira, desde há longos anos, a possuir um Hotel condigno e um Cine-teatro decente, que não ofusquem os seus encantos naturais nem envergonhem os seus valores arquitectónicos.

Parece que essa aspiração vai ser, finalmente, satisfeita, graças ao espírito de iniciativa de alguns homens de boa vontade, associados numa importante empresa destinada a levar a bom termo esses melhoramentos, com o apoio do Município, que já concedeu, para isso, a necessária autorização.

Em Junho, a cidade do Porto estará em festa

O presidente da Câmara Municipal do Porto, numa reunião efectuada há poucas semanas, estabeleceu as linhas gerais do programa das «Festas da Cidade», que devem inaugurar-se em 24 de Junho, data do feriado municipal. Haverá festivais fluviais e náuticos, diversões de carácter popular no Bonfim, em Cedofeita e nas Fontaínhas, uma «tarde desportiva», a representação de um «Auto de S. João» no Terreiro de D. Afonso Henriques, uma festa nocturna no claustro da Sé, iluminações, etc.

Entre as várias propostas apresentadas nessa reunião merece referência especial a do Sr. Peixoto Braga, que evidenciou a vantagem de se criarem «comissões de rua», de se instituírem prémios destinados a estimular as ornamentações das artérias, e de se abrir um «concurso de montras».

«Hífen» — uma interessante Colecção de Arte Portuguesa

Eis uma iniciativa cultural verdadeiramente digna de aplauso, tanto mais louvável quanto é certo vir preencher uma lacuna que de há muito se fazia sentir entre nós. Trata-se de uma colecção de pequenos volumes admiràvelmente apresentados, contendo numerosas e nítidas reproduções em rotogravura, um estudo inicial, uma biografia em português, francês e inglês, com o fim de divulgar em Portugal e no estrangeiro as obras mais significativas do nosso património artístico: Pinturas, esculturas, desenhos, azulejos, cerâmica, etc., de todas as épocas, estilos e escolas.

Os dois primeiros volumes, agora publicados, ocupam-se das obras primas dos famosos pintores do século XIX Domingos Sequeira e Visconde de Meneses, estando já anunciado o aparecimento de outros, consagrados a Rafael Bordalo Pinheiro, às esculturas da Catedral de Évora, à pintora Josefa de Óbidos, ao escultor Machado de Castro e ao pintor Frei Carlos.

«Hifen» também se ocupará, em futuros álbuns, da obra dos mais representativos artistas do nosso tempo.

Deste modo, adquirir todos os volumes que hão-de constituir esta Colecção — de preço acessível às modestas posses da maioria dos amadores — é arquivar numa estante os mais belos especimes da Arte Portuguesa, desde os «primitivos» aos «modernos».

«Panorama» regista

★ O interesse crescente que a juventude escolar manifesta pelos desportos náuticos — estimulada pelo sensato apoio que lhe tem dado os dirigentes da Mocidade Portuguesa.

★ A notícia da próxima construção de um grande balneário público — no Alto da Serafina — o primeiro de uma série que a C. M. L. se propõe edificar nos bairros pobres da Capital.

★ O espírito de colaboração que anima os directores dos nossos Museus, permitindo que fosse apreciada por centenas de lisboetas, no Museu Nacional de Arte Contemporânea, a obra do grande pintor Henrique Pousão, existente no Museu Nacional de Soares dos Reis, do Porto

★ Os frequentes melhoramentos introduzidos no Jardim Zoológico, há pouco valorizado com a construção de uma «estufa fria».

★ A recente concessão de mais 1.070 contos para obras de utilidade pública em vários distritos do Continente e das Ilhas Adjacentes.

★ A ideia, lançada pelo «Diário de Notícias», de se distribuirem por várias cidades da Província as obras de Arte — principalmente as esculturas — esquecidas ou arquivadas, por falta de espaço, nos armazéns dos museus e de outros organismos oficiais da Capital.

«PANORAMA» AGRADECE À EX.ma DIRECTORA DO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO E À DIRECÇÃO DA «REVISTA MUNICIPAL» A AMÁVEL CEDÊNCIA DE ALGUMAS GRAVURAS E DESENHOS INSERTOS NESTE NÚMERO.

PHILIPS

A LÂMPADA

QUE DEVE USAR TODO O ANO

Na Quinta das Janelas

(Continuação)

Muito digna de nota é a curiosa varanda de acesso, alpendrada, com a parede revestida de azuleja em belos *panneaux* de motivos de caça. E sobre a porta central lê-se esta bizarra inscrição em pedra e composta em prosa rimada:

QUEM PROCURAR SUCEDER NESTE MORGADO QUE É MEU
MORO MULATO OU JUDEU POR NENHUM CASO HÁ-DE
SER E TAMBÉM DEVE ENTENDER QUEM FOR
CAPAZ DE O HERDAR QUE O PERDE SE CASAR
COM QUEM SEJA DE NAÇÃO E ADVIRTAM
É OBRIGAÇÃO DE A TERÇA A ELE ANEXAR

E no canto esquerdo desta mesma varanda está graciosa capelinha, sobre cuja porta também se lê gravada em pedra:

A VIRGEM
NOSSA SENHORA FOI CONCEBIDA
SEM PECADO ORIGINAL
ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO 1623

Outra varanda mais ampla e descoberta, também com seus *panneaux* de azulejos é nas trazeiras da casa, com escada bipartida para o jardim que em baixo se estende, talhado em moldes de parque inglês.

A Quinta das Janelas fazia parte do morgado de Vale de Flor, no concelho de Óbidos, e foi comprada a D. José Manuel de Menezes d'Alarcão e a sua mulher D. Maria Emília do Vale e Menezes, em 15 de Dezembro de 1862, por Faustino da Gama, avô do actual proprietário.

Em 31 de Agosto de 1844 havia o mesmo senhor comprado o extinto Convento de S. Miguel que hoje faz parte integrante da quinta. Era de frades arrábidos e foi fundado em 1569 pelo infante D. Henrique, depois Cardeal-Rei.

Primitivamente edificado noutro lugar e para ali transferido em 1602, lá conserva muito da sua arquitectura: um pequenino claustro e a igreja duma só nave, por si só, mereceram a subida do oiteiro na visita que lhe fiz apressadamente, há dois anos, e sem ter tomado notas — razão porque só posso registar a boa conservação do templo e a existência dum quadro atribuído a Josefa de Óbidos, que as más condições da luz (dia enevoado de princípios de Novembro) me não deixaram ver em minúcia.

Lá evoquei a *festa dos cavaleiros* celebrada todos os anos na véspera de S. João, em recuados tempos — festa de cujo cerimonial não tenho a mais pequena notícia e por isso mesmo pude imaginá-la, no próprio local, como me aprouve: em moldes de torneio e exibições de bem-cavalgar...

FÓSFOROS
Lis
SÃO Realmente BONS

A pequena distância está a Várzea da Rainha (antes Veiga de Óbidos) que a câmara daquela vila cedeu à Rainha D. Catarina, mulher de D. João III, por contrato em que a Rainha se obrigou à construção do aqueduto da Osseira. Foi assim, em 1550, que o então baldio do município, hoje terra fértil de cultivo e de pastagem, passou a chamar-se Várzea da Rainha. Bons aposentos de lavoira, motas e celeiros tem junto a praça de «tentas» e num curral vejo a garraiada da desmama, ferrada dias antes. Do palanque olho um pouco à direita, para o castelo possìvelmente romano e para as muralhas ameadas que correm a abraçar a vila de intra-muros, e foram construídas ou reparadas por D. Fernando I, a quando da guerra com Castela, em 1339.

A aba escalvada do monte, a cavaleiro do qual a muralha esconde, para este lado (o do mar), a vila *notável e sempre leal*, vem até junto da estrada que hoje a separa da Várzea.

Óbidos não é, para mim, terra pela qual se passe sem entrar. E assim, acho eu, uma entrada na curiosa vila, com subida até ao castelo, é de regra e de bom gosto. Desta vez vou encontrar em obras de restauro, junto ao castelo, certamente aquela casa, de janelas e porta manuelinas, pela Rainha D. Leonor habitada, quando a Óbidos se recolhia a enfrentar as dores morais que a vida tanto lhe afligiram e enlutaram.

Sobretudo, depois da morte do príncipe D. Afonso, em resultado, como é sabido, da queda dum cavalo, quando jogava o paréu com D. João de Menezes na Ribeira de Santarém, muito ali se isolou a desolada Senhora que em suas armas pôs o «camaroeiro», em lembrança do transporte do filho moribundo, levado por pescadores do local do desastre para casebre humilde. O punhal vingativo do Rei, seu marido e Senhor, levou-lhe em Setúbal o irmão, Duque de Viseu, e, sete anos decorridos, a mão implacável do destino matou-lhe o único filho.

Bem flagelada pela dor foi a notável Rainha que a Deus se entregou e da caridade fez lema de vida: aqui instituíu cinco *merceeiras* na igreja matriz de Santa Maria, fundou o Hospital das Caldas, e mais se lhe deve a instituição tão portuguesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — instituição depois alargada nas tantas Misericórdias de todo o país.

De pronto o carro nos restitui ao cavaco na varanda alpendrada, onde é servido o chá e o whisky. E pouco depois termina a minha segunda visita às Janelas onde pela jovialidade do ambiente o tempo parece correr mais veloz, não sem que Faustino nos mostre ainda no pátio mais dois cavalos, incidente a propósito da qual a graça esfusiante do Sr. Luís Gama derramou epigramas e ditérios com vista ao próximo São Martinho da Golegã onde, se a Deus prouver, nos encontraremos.

Outubro de 1945.

MOTTA CABRAL

SARDINHAS~ANCHOVAS~ATUM~SARDINHAS~
ATUM~SARDINHAS~ANCHOVAS~ATUM~
MARQUES